

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM
TEOLOGIA

INÊS POZZAGNOLO

BEM-AVENTURANÇAS:
Didacué Querigma e ensino transformador

São Leopoldo
2012

INÊS POZZAGNOLO

BEM-AVENTURANÇAS:

Didaqué Querigma e Ensino Transformador

Trabalho Final de Mestrado
Profissional para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Leitura e Ensino
da Bíblia

Orientador: Wilhelm Wachholz

São Leopoldo

2012

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P893d Pozzagnolo, Inês

Bem-aventuranças : Didaqué Querigma e ensino transformador / Inês Pozzagnolo ; orientador Wilhelm Wachholz. – São Leopoldo : EST/PPG, 2012.

72 p. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Bem-aventuranças. 2. Jesus Cristo – Pessoa e missão. 3. Educação – Aspectos morais e éticos. 4. Educação – Finalidades e objetivos. 5. Bíblia. N.T. Mateus – Crítica, interpretação, etc. I. Wachholz, Wilhelm. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

RESUMO NA LÍNGUA VERNÁCULA

O ensino transformador de Jesus evidenciado nas bem-aventuranças é ancorado em sua ética que é ancorada em seu amor. A presente pesquisa divide-se em três capítulos respectivamente: O evangelho de Mateus e seu contexto, Bem-aventuranças e Palavração. O primeiro capítulo trata do evangelho de Mateus na tentativa de detectar, autoria, fontes, lugar, data e também a questão social na prática de Jesus. O segundo estuda as bem-aventuranças em Mateus, suas semelhanças e diferenças com Lucas e ainda, contrapõe o ensino com base no ser com a lógica capitalista do ter. O terceiro trabalha a relação existente entre a palavra e a ação na atividade pública de Jesus e tenta fazer ponte com a prática docente atual. Sob o título *Bem-Aventuranças: Didaqué Querigma e Ensino Transformador*, o diálogo foca no ensino a serviço do reino de Deus, em qualquer espaço ou ambiente onde quer que ele aconteça. A partir das bem-aventuranças, que visam aproximar Deus e as pessoas e concretizar a fé, fica claro o posicionamento de Jesus, é ao lado do pobre, do simples, do injustiçado, em suas muitas faces. Jesus dá ênfase ao que é fundamental, o ser humano. Portanto, a pesquisa se preocupa em trazer a dimensão prática e atual do ensino das bem-aventuranças que desejam mostrar que o reino de Deus é possível em Jesus. Ele dá novo sentido para a vida humana, apontando para o alvo onde Deus quer que cheguemos como cristãos. Muito diferente de se limitar a transferir conhecimento, Jesus mostra que a justiça e a solidariedade estão por excelência acima da lei. E que servir não se caracteriza como lei, mas como impulso a partir da graça. Nesta perspectiva, o ensino transformador terá olhos para aqueles que estão desfavorecidos e encoraja a agir contrário às estruturas injustas existentes. Move a dirigir-se a eles como a amigos, assim como Deus escolhe ser nosso amigo e quando alguém o questiona responde simplesmente “EU SOU O QUE SOU”. Ensinar numa perspectiva transformadora só é possível se quem ensina tiver sido transformado. Ser transformado pela Palavra de Deus é ser fiel a Jesus e ao seu ensino que convida a converter primeiro os de cima, os líderes, que precisam perceber as pessoas e ajudar. Este é o verdadeiro ensino e culto. O que fundamenta as bem-aventuranças é a ética do ser. Valores como justiça e solidariedade nascem do cristianismo, por isso o ensino numa perspectiva transformadora requer urgência em agir para mudar, melhorar situações indignas. A saber, ensinar conforme o exemplo deixado por Jesus vai além de comunicar ou transferir, implica em se importar, se preocupar com outro, com o próximo. Pois, evidentemente quanto mais próximos estivermos dos ensinamentos de Jesus mais humanos nos tornaremos.

Palavras-chave: Bem-aventuranças. Querigma. Ensino transformador. Injustiça social. Jesus. Reino de Deus

RESUMO EM INGLÊS (ABSTRACT)

The transforming teaching of Jesus demonstrated in the beatitudes is anchored in his ethics that are grounded in his love. This research is divided into three chapters: The Gospel of Matthew and its context, the Beatitudes and Jesus' attitude in harmony with his preaching. The first chapter deals with the Gospel of Matthew and seeks to detect: authorship, sources, location, date, and also the social practice of Jesus. The second studies the Beatitudes in Matthew, their similarities and differences with Luke and also confronts teaching based on being with the capitalist logic of possessing. The third chapter deals with the relationship between words and action in the public activity of Jesus and tries to relate this to the current teaching practices. Under the title, "The *kerygma* in transformative teaching: "ethics-teaching" of the Beatitudes", the dialogue focuses on education in the service of God's kingdom in any space or environment wherever it happens. From the Beatitudes, which aim to bring God and people closer and make faith concrete, it is clear that the position of Jesus is with the poor, the simple, the downtrodden, in their many faces: children, women, poor, sick and others. Jesus emphasizes what is essential: the human being. Therefore, this research concerned itself with bringing the practical and present dimension of the teaching of the Beatitudes that wishes to show that the kingdom of God is possible in Jesus. He gives new meaning to human life, pointing to the place where God wants Christians to come. Very different from a simple transference of knowledge, Jesus shows that justice and solidarity are completely above the law. And that service is not characterized as law but as impelled by grace. In this perspective, transformative teaching has eyes for those who are disadvantaged and encourages them to act contrary to the existing unfair structures. It moves to view them as friends just as God chooses to be our friend and when someone questions him, he answer just: "I AM THAT I AM." Teaching in a transformative perspective is only possible if the one who teaches has been transformed. Being transformed by God's Word is to be faithful to Jesus and his teaching that invites first the top leaders to be converted, those who need to understand and help people. This is true teaching and worship. What underlies the beatitudes is the ethics of being. Values such as justice and solidarity are born from Christianity, by which the transformative teaching perspective requires urgency to act for change, to improve undignified situations. Namely, teaching as the example set by Jesus goes beyond communicating or transferring, it implies caring, being concerned about others, about our neighbor. This, because obviously the closer we are to the teachings of Jesus the more human we become.

Keywords: Beatitudes. Kerygma. Transformative teaching. Social injustice. Jesus. Kingdom of God.

AGRADECIMENTOS

A Deus generosamente revelado em Jesus Cristo a quem dedico minha existência.

A memorável Sra. minha mãe “in memoriam” Gema Bonamigo Pozzagnollo e a meu pai Sr. Severino Pozzagnollo por me ensinarem que a vida vai além do simples fato de existir.

A minha família, fonte de inspiração, carinho, apoio e incentivo sempre.

As inúmeras amigas e inúmeros amigos que oram, confiam e apostam, enfim, contribuem para meu crescimento como pessoa. Sou o resultado desta confiança.

Ao corpo docente da Faculdade EST, biblioteca e secretaria, por sua prestatividade e esmero.

Ao admirável orientador Dr. Wilhelm Wachholz, por sua atenção, percepção, conselhos e coragem de provocar a inteligência, bem como pela extrema competência em me fazer aprender.

Ao Dr. Flavio Schmitt, por aceitar ler e avaliar esta pesquisa.

A vocês dignos leitores desta obra, a quem me dirijo com grande honra e convido a ensinar e viver numa perspectiva transformadora a partir do ensino de Jesus nas Bem-aventuranças.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
I O EVANGELHO DE MATEUS E SEU CONTEXTO	10
1.1 Evangelhos: O que são e por que foram escritos.....	10
1.1.1 Os sinóticos e João: três semelhantes e um distinto	11
1.1.2 Autoria e fontes do evangelho de Mateus	13
1.1.3 Data, local da redação e destino do evangelho.....	14
1.1.4 Lugar do Sermão da montanha no Novo Testamento	17
1.2. Jesus: ministério e vida social	18
1.2.1 Jesus e o Reino dos Céus.....	20
1.2.2 Reino dos Céus, Reino de Deus.	22
1.2.3 Contextualização do Sermão da Montanha	23
II AS BEM-AVENTURANÇAS.....	26
2.1 Leitura das bem-aventuranças a partir do evangelho de Mateus.....	26
2.2. Prólogo de (Mt 5, 3-12) forma e origem e seu paralelo com Lucas	27
2.3 Jesus contrapõe a visão de felicidade	29
2.4 Bem-aventuranças comuns a Mateus e a Lucas	30
2.4.1 A primeira bem-aventurança: os pobres no espírito Mateus, os pobres Lucas	31
2.4.2 A segunda bem-aventurança: os mansos herdarão a terra.....	32
2.4.3 A terceira bem-aventurança: os aflitos serão consolados.....	33
2.4.4 A quarta bem-aventurança: os que têm fome e sede de justiça	34
2.4.5 A quinta bem-aventurança: os misericordiosos.....	36
2.4.6 A sexta bem-aventurança: os puros de coração verão a Deus	37
2.4.7 A sétima bem-aventurança: os que promovem a paz	37
2.4.8 A oitava bem-aventurança: perseguidos por causa da justiça	38
2.4.9 A nona bem-aventurança: os perseguidos por causa de Jesus, por causa do filho do homem	39
2.5 Jesus contrapõe a lógica do capitalismo	41
III PALAVRAÇÃO.....	46
3.1 Jesus e a cruz: Deus se fez servo = cruz.	46
3.2 Ética das bem-aventuranças: Felizes os fracos, os pobres, os perseguidos.....	50
3.3 Querigma: anúncio libertador	54
3.4 Por que o ensino de Jesus era capaz de transformar?	56
3.4.1 Com vistas para o ensino transformador	59
3.4.2 Algumas precauções para ensinar numa perspectiva transformadora	62
CONCLUSÃO.....	67
REFERÊNCIAS	69

INTRODUÇÃO

A proclamação do Reino de Deus feita por Jesus quer revelar à humanidade o coração do Pai. Entre outros tantos anúncios feitos por Jesus, as bem-aventuranças apresentam uma síntese de sua própria vida e proclamação. É difícil colher o verdadeiro sentido das bem-aventuranças sem investigar o contexto que elas carregam e a cultura em que foram proclamadas. Os evangelhos são teologicamente importantes e fonte diária de estudos acadêmicos. Neles encontram-se notáveis reflexões, sermões e ensinamentos oficializados por Jesus. Em Mateus e Lucas surgem as bem-aventuranças.

Esta pesquisa parte do pressuposto de que, no Antigo Testamento, está registrado o cuidado de Deus com a humanidade. Este cuidado foi manifestado aos nossos antepassados pelo viés de revelações divinas que apresentaram sua vontade soberana e profecias que nortearam a forma em que se tornaria realidade. Para os cristãos, a revelação de Deus não ficou circunscrita aos registros do Antigo Testamento, mas está registrada também no Novo Testamento, apresentada nos Evangelhos e cartas (2Tm 3.17). Para os cristãos, também a revelação e a profecia se cumprem plenamente em Jesus Cristo. “Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho”¹ (Hb 1.1-2).

No mundo onde o ódio tem alcançado proporções gigantescas, no capitalismo, onde o amor ao dinheiro tem ditado regras, não raramente os seres humanos têm sido vistos sob os óculos do *status* social e isso tem causado grande discriminação e injustiça social. A contradição de felicidade proposta por Jesus na perícopa das bem-aventuranças serviu de motivação para seguir e mergulhar no assunto.

A presente pesquisa tem por objetivo compreender o que Jesus quis ensinar com cada bem-aventurança e envolver este aprendizado na prática cristã docente. Este objetivo está associado à convicção de que, ao proclamá-las, Jesus se baseou naquilo que é essencial da revelação de Deus ao seu povo. Jesus sintetiza sua mensagem na proclamação das bem-aventuranças. Esta compreensão se dá em virtude do vínculo entre a fé cristã e a urgência da vivência real da mensagem que elas contêm.

¹ Para construção desta pesquisa será utilizada A BIBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

Naturalmente o que tal ensino representa para a humanidade vai além do que é possível colocar em palavras. No entanto, auscultar², fazer apontamentos, indicando caminhos possíveis para a prática do ensino cristão atual, a fim de que seja exercido numa perspectiva transformadora é o que move a pesquisa. A utilização do termo “Didaqué”³ quer realçar a forma de educação e doutrina praticada por Jesus, para refletir na vida e ministério de professores, palestrantes e pregadores cristãos que militam no Reino, prestando-se ao serviço de ensinar a palavra de Deus.

O Sermão do Monte compõe os capítulos cinco a sete do evangelho de Mateus. Como limite deste Trabalho Final de Mestrado, a análise será das bem-aventuranças que se encontram na perícopes de Mateus 5.2-13, as quais apontam o caminho a ser trilhado por quem já é, ou deseja ser, participante do Reino de Deus. As bem-aventuranças também constroem a olhar mais atentamente aquelas e aqueles a quem se referem. Desafiam, por fim, a encontrar e assumir uma postura cristã agora, no Reino de Deus já existente.

A opção pelos escritos de Mateus se dá por sua preocupação em mostrar ao povo da promessa, judeus, que seu cumprimento é chegado, seu futuro é presente e se realiza em Jesus Cristo. Mateus é provavelmente um judeu que crê no Senhor Jesus como Messias e Salvador, portanto, um cristão, que explica o projeto do Reino de Deus para sua nação a partir da Torá. Mateus apresenta Jesus como um homem judeu e para os judeus primeiramente, utilizando inclusive, templo, sinagogas, etc.

A pesquisa também busca analisar comparativamente as bem-aventuranças como são apresentadas em Lucas 6.20-27, apontando algumas similaridades e discrepâncias. Esta análise pretende captar o comportamento social de Jesus e sua quebra de paradigmas, olhando panoramicamente os textos e interagindo com autores que já trataram do assunto e outras perícopes. O propósito primeiro é responder a um desafio pessoal. Como ensinar numa perspectiva transformadora a partir das palavras deixadas por Jesus?

O Trabalho Final será apresentado em três capítulos. O primeiro capítulo começa com um levantamento do Evangelho de Mateus, contextualizando-o, ao que se segue uma breve análise dos outros evangelhos. Ainda localiza as bem-aventuranças e a pessoa e missão de Jesus.

² V.t.dir. (med) Sondar, inquirir, examinar minuciosamente: aplicar o ouvido ou o auscultador em determinadas partes do corpo para diagnosticar alguma eventual doença, através de ruídos internos e estranhos ao organismo. DICIONÁRIO Global da Língua Portuguesa. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 1999. p. 175-176.

³ Ensino como uma atividade, instrução Mc 4.2; 1Co 14.6; 2 Tm 4.2. Em um ensino passivo = o que é ensinado, ensino, instrução. GINGRICH, F. W.; DANKER, F.W. *Léxico do Novo Testamento: Grego-Português*. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 56.

O segundo capítulo analisa o anúncio das bem-aventuranças, seguindo a lógica que as palavras suscitam. Isto poderá eventualmente exigir primeiro uma desconstrução para possibilitar uma nova construção da percepção de Reino de Deus. Busca apresentar uma abordagem de cada bem-aventurança escrita pelos dois evangelistas e analisar o paradoxo existente entre a ganância humana e a ética de Jesus.

O terceiro capítulo procura reunir os anteriores e convoca a entrar no Reino de Deus, ensinar e viver numa perspectiva de transformação da sociedade, melhorando-a através da *mensagem da cruz*, experimentada pelo maior homem de todas as épocas, Jesus, e oferecida a todas e todos indistintamente.

I O EVANGELHO DE MATEUS E SEU CONTEXTO

1.1 Evangelhos: O que são e por que foram escritos

Assim como os antigos profetas se ocuparam em deixar os registros que constituiriam grande parte do Antigo Testamento, os evangelistas Mateus, Marcos, Lucas, João e outros se ocuparam com os eventos que cercaram a atividade social de Jesus Cristo. Nos evangelhos é possível encontrar registros dos eventos históricos que evidenciaram o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus. Elwell acredita que o que motivou os evangelistas a escreverem foi o fato de que

A igreja primitiva precisava de resistência, de tenacidade para sobreviver. As informações que se encontram nos evangelhos não produziram sozinhas essa coragem, mas é pouco provável que sem elas, os cristãos primitivos pudessem ter resistido à provação que tanto os afligia.⁴

A alternativa de poder registrar verdades enquanto podiam ser confirmadas por pessoas que testemunharam os fatos, em si, já se constitui em um distinto motivo para a compilação de um evangelho, visto que viria a servir de base e incentivo para situações difíceis, como é o caso da terrível perseguição que se assolou em certo período do cristianismo. No entanto, para Elwell “há muitas outras razões pelas quais eles podem ter sido escritos, como a necessidade de material objetivo para ensinar os novos convertidos entre outros.”⁵ O autor acredita que havia urgência em instruí-los e assim torná-los conhecedores da história dos fatos elementares do cristianismo, “conhecer o Antigo Testamento, as profecias, o nascimento de Jesus, seus ensinamentos, a vitória sobre Satanás, entre outros, que lhe daria sustento na íngreme jornada que os cristãos daqueles dias estavam por iniciar”.⁶

Com a morte do seu líder Jesus, a vida dos seguidores estava em perigo e havia grande necessidade de encorajar e motivar o povo, pois a perseguição já parecia ser iminente. Sendo assim, segundo Elwell, para lidar com os evangelhos com a grandeza que possuem, é preciso captar que Deus nos chama à fé, oferece salvação através da vida, morte, e

⁴ ELWELL, Walter A; YARBROUGH, Robert W. *Descobrendo o Novo Testamento: uma perspectiva histórica e teológica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. p. 73.

⁵ ELWELL; YARBROUGH, 2000, p. 73.

⁶ ELWELL; YARBROUGH, 2000, p. 73-74.

ressurreição de Jesus e nos oferece um Reino e até um julgamento. O escritor acrescenta que o Querigma⁷ está também ali.

A mensagem do evangelho como foi descrita ali, inclui o fato de que Jesus é o Senhor; o ministério de João Batista; a vida de Jesus na Galiléia; o poder, os milagres, as curas e os exorcismos de Jesus. A morte; o mandamento de pregar o perdão dos pecados pela fé em Cristo; é a afirmação de que as profecias do Antigo Testamento apontam para todos esses fatos.⁸

Para este autor e para os que creem desta forma, os evangelhos não são meros relatos, também não são cartas pessoais, antes possuem características próprias que relatam fatos acontecidos e realizados, ou seja, a vida pública e as obras realizadas por Jesus. Em síntese, Mateus, Marcos, Lucas e João estão fundamentados na pessoa, vida e obra de Jesus Cristo enquanto palmilhou na terra. Apesar de Jesus aparentemente não ter escrito palavra alguma, Pannenberg afirma que, “a teologia do primeiro cristianismo encontrou o conteúdo dessa nova lei primordialmente nos evangelhos, a saber, na explicação do direito divino por Jesus, em especial no sermão do Monte”⁹. Este assunto será abordado em partes no capítulo dois.

1.1.1 Os sinóticos e João: três semelhantes e um distinto

Mateus, Marcos e Lucas foram primeiramente chamados sinóticos¹⁰ por Griesbach, um estudioso da Bíblia de nacionalidade alemã, no final do século XVIII. A expressão traz a ideia de ter a mesma visão ao escrever, como um local observado do mesmo ângulo por três pessoas diferentes. Grenz acredita que isso acontece porque os evangelistas utilizaram a mesma fonte literária. “Os escritos de Mateus, Marcos e Lucas são chamados de *Evangelhos Sinóticos* por refletirem muitas semelhanças entre si, e geram uma literatura com base nas

⁷ Proclamar, anunciar, mencionar publicamente, pregar, mais frequentemente em referência a ação salvífica de Deus. GINGRICH; DANKER, 2007, p. 116.

⁸ ELWELL; YARBROUGH, 2000, p. 70-71.

⁹ Que segundo Ênio R. Mueller, pode ser considerado o último grande escolástico protestante. PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2009. v. 3, p. 14.

¹⁰ O adjetivo “sinótico” vem do grego *synopsis*, que significa “ver em conjunto”. Griesbach escolheu a palavra devido o alto grau de semelhanças entre Mateus, Marcos e Lucas em suas apresentações do ministério de Jesus. Essas semelhanças que envolvem estrutura, conteúdo e enfoque, são visíveis mesmo ao leitor desatento. Elas servem não apenas para unir os três primeiros evangelhos, mas também para separá-los do evangelho de João. CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 19.

informações que compartilham e nas frequentes similaridades textuais.”¹¹ Naturalmente que, ao folharmos as Escrituras, nos deparamos com textos que se encontram registrados em mais de um evangelho, como é o caso das bem-aventuranças que não são registradas por Marcos, e sim por Mateus e Lucas.

Carson, Moo e Morris mapeiam o espaço geográfico em que, de acordo com os escritos dos sinóticos, se desenvolveu o ministério de Jesus.

Mateus, Marcos e Lucas estruturam o ministério de Jesus de acordo com uma sequência geográfica geral: ministério na Galiléia, retirada para o norte (tendo por clímax e ponto de transição a confissão de Pedro), ministério na Judéia e Peréia quando Jesus se dirigia para Jerusalém (algo não tão claro em Lucas) e o ministério final em Jerusalém. Essa sequência está praticamente ausente em João, evangelho que se concentra no ministério de Jesus em Jerusalém durante as visitas que periodicamente fazia à cidade. Quanto ao conteúdo, os três primeiros evangelistas narram muitos dos mesmos acontecimentos, concentrando-se nas curas, exorcismos e ensinamentos por meio de parábolas realizadas por Jesus.¹²

Sobre João, há acordo entre os autores que seu evangelho é diferenciado. Este é o caso de Wikenhauser, que considera João distinto em seus escritos, deixando transparecer neles inclusive a participação ativa da mulher no ministério de Jesus, o que não fica muito evidenciado nos sinóticos. “Há uma forte presença feminina neste evangelho. Diferente das crises judaicas com universo feminino, João apresenta a mulher como sempre presente ao lado de Jesus, são as discípulas.”¹³ Isso pode ser evidenciado no caso da tentativa de conforto ao pé da cruz, durante seu terrível processo da crucificação, fato que, segundo Wikenhauser, não é observado pelos outros evangelistas.

De fato, João traz o seguinte relato: “Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria mulher de Clopas, e Maria Madalena. Jesus, então vendo a sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua mãe: ‘mulher eis aí teu filho!’ Depois disse ao discípulo: ‘Eis tua mãe!’” (Jo 19.25-27). Konings, que também escreveu sobre João, argumenta que “muitos textos nem mesmo tem paralelo com os evangelhos”, entretanto, é preciso ter em mente que seu evangelho traz a continuação dos outros. “O evangelho de João inicia onde os sinóticos terminaram”.¹⁴

Para esses autores, cada evangelho tem sua particularidade. Se os três primeiros escrevem sob um mesmo ponto de vista, João traz um quadro diferenciado e complementar de Jesus, apresentando inclusive a obra mais complexa. Já no que diz respeito a Marcos, Konings

¹¹ GRENZ, J. Stanley. *Dicionário de teologia*. São Paulo: Vida, 2002. p. 52.

¹² CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 19.

¹³ WIKENHAUSER, Alfred. *El Evangelio Según San Joan*, Barcelona: Editorial Herder, 1978. p. 33.

¹⁴ KONINGS, J. *O Evangelho de João: Amor e Fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 23.

afirma ser um evangelho mais breve. No entanto, segundo ele, não obstante ter ocupado um lugar muito discreto ao longo da história, há um interesse crescente nele, porque nos oferece a figura de Jesus com mais frescor. “Ele remonta tradições antigas, e mais conforme a tradição, Mateus e Lucas o utilizaram para os seus evangelhos.”¹⁵ Referente a Lucas, Konings afirma que “traz o evangelho da infância de Jesus, é muito poético. E é onde se destaca a bondade de Deus, sua compaixão e misericórdia, por exemplo, na parábola do filho pródigo”¹⁶.

O evangelho de Mateus apresenta o relato da obra de Jesus em texto mais longo. Para Carson, Moo e Morris é também o mais bem elaborado. “Em boa parte, segue Marcos, mas acima de tudo se caracteriza por seus grandes discursos: O do Sermão da Montanha, das bem-aventuranças, das inesquecíveis parábolas de Jesus, é o mais rabínico”¹⁷ o mais escatológico, entre outros textos relevantes.

1.1.2 Autoria e fontes do evangelho de Mateus

Mateus, provavelmente, é obra de um judeu que se tornou cristão. O autor de Mateus seria o cobrador de impostos, a quem Jesus chamou para segui-lo. Seria o mesmo que escreveu o evangelho e o nomeou, conforme este relato: “indo adiante, viu Jesus um homem chamado Mateus, sentado na coletoria de impostos, e disse-lhe: 'segue-me'. Este, levantando-se o seguiu” (Mt 9.9). Para Carson, Moo e Morris, a maioria dos judeus que trabalhavam para coletar impostos dos próprios judeus para os governantes romanos, normalmente eram vistos como opressores pelo povo de sua pátria. O autor afirma que este literalmente parece ser o caso de Mateus, embora em seus escritos abra diálogo para outras possibilidades.

Em suma, parece muito forte, até mesmo irrefutável, o argumento de que, muito antes de Papias escrever suas difíceis palavras em que procurou estabelecer uma relação entre Mateus e o primeiro evangelho, acreditava-se que Mateus era o seu autor. [...] não há dúvida de que a igreja primitiva entendia que o sentido disso era que Mateus havia escrito seu evangelho em hebraico (ou aramaico; a palavra grega era usada para designar as duas línguas cognatas) e que foi então traduzido por outros.¹⁸

¹⁵ KONINGS, 2005, p. 23.

¹⁶ KONINGS, 2005, p. 23.

¹⁷ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 85.

¹⁸ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 74-75.

Há acordo de ideias entre Carson, Moo e Morris, de um lado, e Jeremias, de outro, sobre a sustentação da fonte em que o evangelho de Mateus foi escrito. Conforme este argumento de Jeremias, o evangelho de Mateus “é um Evangelho de Marcos reelaborado estilisticamente e acrescido de material novo que dá mais da metade de Marcos.”¹⁹ O que provavelmente Mateus fez da melhor forma possível usando o que tinha à disposição, as duas fontes. “A teoria predominante hoje em dia é a das duas fontes: de acordo com ela, o primeiro e o terceiro evangelista tiveram, além de Marcos, uma outra fonte, a chamada *fonte de ditos*, a *fonte Q* [este Q é a inicial da palavra alemã *Quelle* = fonte. NdT].”²⁰ Nessa forma, trata-se, no entanto, de uma simplificação, “o que já decorre do fato de Lucas não ter encontrado o material dos ditos em forma isolada, mas já misturado com o material próprio só dele. [...] surgem dúvidas sobre se existiu mesmo essa fonte Q de ditos.”²¹

Embora, para Jeremias, esta é a teoria mais aceita, o autor não a confirma com exatidão, permanecendo a dúvida a respeito da fonte *Quelle*. Seus argumentos se identificam com Zeilinger, para o qual as principais fontes dos evangelhos são: “Marcos, usado por Mateus e Lucas. Fonte Q, de ditos, usada por Mateus e Lucas; e fontes especiais de Mateus (“M”) e Lucas (“L”), eventualmente empregadas em sua matéria exclusiva (ME).”²² Zeilinger ainda observa que “via de regra, conta-se como textos provenientes da *fonte de ditos* aqueles que, ausentes de Marcos, encontram-se apenas em Mateus e em Lucas.”²³

1.1.3 Data, local da redação e destino do evangelho

A data em que o Evangelho foi redigido também provoca divergências. Zeilinger afirma que, historicamente se considera a data situada no período depois da primeira guerra judaico-romana. Assim, Mateus data da mesma época de Lucas, conforme este relato. “Entre os anos 70 a 90, não é mais possível um retorno a Jerusalém. O que permanece é a Palavra de Deus das Sagradas Escrituras”.²⁴ Sendo assim, está em pleno acordo com os escritos de

¹⁹ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 75.

²⁰ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 75.

²¹ JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulus/Teológica, 2004. p. 81.

²² ZEILINGER, Franz. *Entre o céu e a terra: o comentário do sermão da montanha (Mt 5-7)*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 32.

²³ ZEILINGER, 2008, p. 32.

²⁴ ZEILINGER, 2008, p. 12.

Carson, Moo e Morris que acreditam que “o consenso contemporâneo, [...] defende que Mateus foi escrito durante o período de 80 e 100 d.C.”²⁵

Há incerteza quanto ao lugar de origem do Evangelho. A crítica não chega a um consenso sobre o local. Existe uma pluralidade de lugares prováveis, de onde o evangelho poderia ter emergido. Sobre este assunto, Carson, Moo e Morris trazem a seguinte argumentação:

Hoje em dia, no entanto, a maioria dos estudiosos opta pela Síria como local de origem. Essa escolha depende basicamente de dois fatores: (1) a adoção de uma data posterior a 70 A.D., quando a maior parte da Palestina estava destruída; (2) a influência de Streeter, que defendeu Antioquia como local de procedência deste evangelho. Podemos argumentar que o primeiro fator é muito subjetivo; o segundo é bem mais importante. Nem todos os argumentos de Streeter são de peso, mas Antioquia ostentava uma população judaica bastante grande, ao mesmo tempo em que foi o primeiro centro que procurou alcançar o mundo gentílico.²⁶

Para Carson, Moo e Morris, é impossível afirmar o local exato do escrito de Mateus. No entanto, eles acreditam que a Síria é talvez a proposta mais provável. “Mas a Síria e não necessariamente a Antioquia, é uma sugestão possível, tem sido proposto lugares como Alexandria, Cesárea Marítima, Fenícia e ainda a Síria da Transjordânia.”²⁷ Apesar de nenhum argumento sobre a localização geográfica do evangelho ser conclusivo é mais importante o fato de sua existência do que o local em que fora escrito. Fato que, para Carson, Moo e Morris, não depende desta decisão.

É de bom senso considerar a grande contribuição que o evangelho trouxe a seus destinatários, que foram aparentemente os crentes de sua própria região. Carson, Moo e Morris ainda enfatizam que o evangelista se preocupa em escrever sobre o ministério do Jesus histórico. Isso, para eles, diferencia muito, por exemplo, um evangelho de uma carta.

Mateus deseja demonstrar, entre outras coisas, que (1) Jesus é o Messias prometido, o Filho de Davi, o Filho de Deus, o Filho do Homem, Emanuel, aquele para quem o Antigo Testamento aponta; (2) muitos judeus, especialmente os líderes, pecaram quando deixaram de reconhecer Jesus durante o seu ministério (e, por implicação, corre grande perigo se continuarem com essa postura depois da ressurreição); (3) o reino escatológico prometido já despontou, sendo que seu início foi assinalado pela vida, morte, ressurreição e exaltação de Jesus.²⁸

²⁵ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 85.

²⁶ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 84-85.

²⁷ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 85.

²⁸ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 91.

Para Carson, Moo e Morris, esta é a chave do evangelho de Mateus, a saber, mostrar que Jesus é Messias. O evangelista também se preocupa com o problema de alguns líderes não assumirem que o Reino de Deus é fato e continuarem a esperar pelo messias e salvador, e insistirem com esta postura mesmo após a evidência dos sinais apresentados por Jesus, incluindo a morte, ressurreição e exaltação, o que claramente afirma testemunha o início do Reino de Deus.

Esse reinado messiânico continua havendo no mundo à medida que crentes, tanto judeus quanto gentios, submetem-se à autoridade de Jesus, vencem tentações, suportam perseguições, acolhem calorosamente os ensinamentos de Jesus e, desse modo, demonstram que constituem o verdadeiro âmbito em que se encontra o povo de Deus e o verdadeiro testemunho ao mundo acerca do “evangelho do reino”; (5) esse reinado messiânico é não apenas o cumprimento das esperanças do Antigo Testamento, mas também amostra do reino consumado, o qual surgirá quando Jesus, o messias voltar em pessoa.²⁹

Seus argumentos estão de acordo com os escritos do evangelista popular Billy Graham, que populariza em sua mensagem que “nos evangelhos temos o registro, feito para nós, dos eventos históricos que cercaram os milagres do nascimento, a vida, a morte e a ressurreição do Senhor Jesus Cristo”.³⁰ Carson, Moo e Morris também fazem comentários de outros autores quanto à moldura de Mateus, acentuando que ela se formula num plano segundo o qual Deus está unindo seu povo por meio de Jesus Cristo. Para eles, todos os estudiosos reconhecem que “Mateus foi um grande escritor, as discordâncias surgem em virtude do grande número de indicadores estruturais que se sobrepõem e competem entre si, de sorte que parece impossível estabelecer um consenso sobre a importância relativa de cada um”.³¹ Enfim Carson, Moo e Morris ainda sustentam que Mateus transmite ao povo uma postura que harmonize a Torá com o evangelho numa concepção abrangente, veterotestamentária e cristã, que poderia ser recebida tranquilamente pelos que defendem a Torá porque as promessas nela descritas se cumprem literalmente em Jesus Cristo, tornando o Novo Testamento o cumprimento do Antigo Testamento. Enfim Mateus escreveu para preservar o que sabia sobre os ensinamentos de Jesus, este era seu propósito básico.

²⁹ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 94-95.

³⁰ GRAHAM, Billy. *Os Quatro Evangelhos e o Livro de Atos*: em Linguagem Atualizada. São Paulo: Mundo Cristão, p. 7.

³¹ Lohr propõe um quiasmo gigantesco (Oral techniques in the Gospel of Matthew CBQ 23: 403-35), mas existe um número grande demais de pares tênues que não deixam muitos estudiosos se convencerem de que Mateus teve em mente este recurso literário. Goulder tenta vincular a estrutura deste Evangelho a um ciclo de lecionário (*midrashandlectionim Matthew*). Entretanto, sabe-se tão pouco sobre os ciclos de lecionário no século I que a proposta gasta muito tempo em especulação (cf. *The gospel and the Jewish lectionaries*, de L. MORRIS, [GP, vol. 1, p. 129-56]), estando bem distante da extraordinária diversidade de cumprimentos de leituras propostos por Goulder, apud CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 67.

1.1.4 Lugar do Sermão da montanha no Novo Testamento

Kieweler entende que o “Sermão da Montanha quer ocupar, no Novo Testamento, um lugar correspondente ao que, no Antigo, encontram-se os Dez Mandamentos”³². Para este autor, o decálogo são as leis externas impostas por uma autoridade externa e que o homem devia aprender a obedecer sob o jugo do medo. Ele acrescenta que, embora os judeus tenham consciência de que Jesus foi enviado às “ovelhas perdidas da casa de Israel” conforme as Escrituras, ao mesmo tempo percebe o crescimento constante do cristianismo em toda a região mediterrânea, levando a uma tensão entre eles e cristãos ou entre a Torá e o Evangelho. Kieweler escreve que “Mateus sonha em unir a ambos judeus e não judeus na mesma fé, com o texto de seu evangelho, mostra que é possível e imperioso abrir a missão entre os pagãos, sem prescindir de uma espiritualidade da Torá retamente compreendida [...]”³³. Para Kieweler, “Mateus apresenta Jesus o Filho de Deus e Emanuel. Enquanto Filho do Homem, Jesus é dotado de uma autoridade divina sobre o Reino de Deus”.³⁴ O Evangelho de Mateus afirma: “Com efeito, eu vos asseguro que se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos Céus.” (Mt 5.20). Conforme Kieweler, a temática não é a justiça correspondente à lei em sua relação com as atitudes concretas, de forma generalizada, tendo em vista uma forma de justiça cuja prática possibilita a entrada no Reino dos Céus.

Para Dumais, as bem-aventuranças evangélicas tem suas raízes no Antigo Testamento e no judaísmo, visto que, a palavra, bem-aventurado aparece em vários textos na Septuaginta, e com sentido diferente da palavra bênção, como é possível verificar neste texto.

A palavra *makarios* (bem-aventurado) utilizada em Mateus cinco corresponde ao termo hebraico *ashré*, que se encontra 45 vezes na Bíblia hebraica. Os “macarismos” [macarios] figuram principalmente nos salmos (25 vezes) e nos livros sapienciais. Diferentemente da “benção” (*berâkâh*) frequente no Antigo Testamento, que é uma palavra voltada para o futuro e que opera o que significa, a “bem-aventurança” é uma forma de congratulação, que supõe a averiguação de uma felicidade já realizada ou, pelo menos, em vias de realização.³⁵

Dumais acredita que, ao dizer “bem-aventurado”, Jesus afirma a felicidade integral da pessoa. A promessa não é pós-morte e sim, vivenciada no presente, isto porque esta virtude confere à felicidade, como estado do ser, não sendo circunstancial e abstrata, nem futurística, ou para uma eternidade distante. Também não foi para o passado remoto, seja para os dias dos

³² KIEWELER, 1999 apud ZEILINGER, 2008, p. 13.

³³ KIEWELER, 1999 apud ZEILINGER, 2008, p. 13.

³⁴ KIEWELER, 1999 apud ZEILINGER, 2008, p. 13.

³⁵ DUMAIS, Marcel. *O Sermão da Montanha: Mateus 5-7*. São Paulo: Paulus, 1998. p. 23.

Salmos ou do Sermão do Monte, antes é um projeto de vida, que deve ser assumido pelo viés do cristianismo com a finalidade de garantir um mundo mais feliz e com mais vida.

1.2. Jesus: ministério e vida social

Mateus em seus dois primeiros capítulos se ocupa em documentar a genealogia de Jesus. Embora sublinhando influências estrangeiras do lado feminino, parece ter em mente o propósito de mostrar a ascendência israelita de Jesus, relacionando esta descendência com as profecias para promulgar o reino dos Céus. O evangelista destaca que “naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judéia e dizendo: arrependei-vos por que o Reino dos Céus está próximo” (Mt 3.1-2). A vida social de Jesus e seu ministério estão estreitamente relacionados na prática existencial e histórica. Sobre isso, Pannenberg traz a seguinte argumentação.

O Jesus histórico é o ponto de partida e critério de todas as informações cristológicas sobre sua pessoa, enquanto as sentenças da cristologia são consideradas manifestações de sua realidade histórica. “Pois o que Cristo é segundo sua determinação eterna e atuando sobre nós de acordo com sua elevação a Deus sequer poderia ser reconhecido por nós, se não estivesse atuante também em sua existência histórico-temporal.”³⁶

Mateus, ao se referir sobre o ministério de Jesus, declara que “o povo que estava em trevas viu uma grande luz” (Mt 4.12-17). Surgiu um luzeiro para o povo da Galiléia. O evangelista aplica este oráculo de Isaías a Jesus e diz que Ele se transforma em luz para aquele povo gentio que habitava em trevas. Mateus acrescenta que, a partir daquele momento, Jesus inicia seu ministério.

Também o evangelista não deixa passar despercebido a disparidade existente entre o ensino de Jesus e o ensino dos escribas nas sinagogas, destacando a diferença entre a sabedoria e autoridade de Jesus frente ao legalismo dos mestres judaicos como é enfatizado no seguinte texto: “Aconteceu que ao terminar Jesus essas palavras, as multidões ficaram extasiadas com seu conhecimento, por que as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas” (Mt 7.28-29). Ou seja, Jesus faz uma abordagem diferente da Escritura e causa impacto na multidão.

³⁶ RITSCHL, 1888 apud PANNENBERG, 2009, p. 400.

Pedro também acreditava ser Jesus aquele de quem os profetas anunciavam aquele que Deus prometeu e que a humanidade tanto esperava. Ele faz uma confissão importantíssima ao ser questionado sobre quem é Jesus, respondendo com convicção: “Tu és o Cristo, o filho do Deus Vivo” (Mt 16.16). Para este discípulo e também para Mateus o fato de Jesus estar entre eles mudava totalmente a história humana e a vida de cada ser. Em outro momento, conforme registrado em Atos dos Apóstolos, em diálogo com Cornélio, novamente Pedro reconhece que Jesus verdadeiramente é o enviado de Deus aos judeus.

Tal é a palavra que Deus enviou aos israelitas, dando-lhes a boa-nova da Paz por meio de Jesus Cristo. Este é o Senhor de Todos. Sabeis o que aconteceu por toda a Judéia: Jesus de Nazaré, começando pela Galiléia, depois do batismo proclamado por João, como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder, e ele passou fazendo o bem e curando a todos os que estavam dominados pelo diabo porque Deus estava com ele. E nós somos testemunhas de tudo o que fez na região dos judeus e em Jerusalém, ele, a quem, no entanto mataram, suspendendo-o ao madeiro. Mas Deus o ressuscitou ao terceiro dia e concedeu-lhe que se tornasse visível. (Atos 10.36-41)

De acordo com este discurso de Pedro, e conforme citado anteriormente, Jesus inicia seu ministério na Galiléia, e após ser batizado por João e ungido com o Espírito Santo e com poder, prossegue seu ministério curando e libertando e fazia isso porque Deus era com Ele. Jeremias cita que “Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder; Ele percorreu a terra, fazendo o bem e curando a todos os que eram oprimidos pelo diabo; porque Deus era com ele.”³⁷ As curas miraculosas de Jesus estão presentes nos quatro evangelhos. Porém, antes disso e após ser batizado por João no rio Jordão, Mateus registra que Jesus fora tentado pelo diabo enquanto jejuava e orava intensamente no deserto. O tentador se aproximou e lhe disse:

“Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães”. Mas Jesus respondeu; “está escrito: *Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.* Então o diabo o levou à cidade santa e o colocou sobre o pináculo do templo e disse-lhe: “Se és o Filho de Deus, atira-te para baixo por que está escrito: *Ele dará ordem a seus anjos a teu respeito, e eles te tomarão pelas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra.*” Respondeu-lhe Jesus: “Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus.” Tornou o diabo a levá-lo agora para um monte muito alto. E mostrou-lhe todos os reinos do mundo com o seu esplendor e disse-lhe: “Tudo isso te darei se prostrado me adorares”. Aí Jesus lhe disse: “Vai-te Satanás, por que está escrito: *Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele prestarás culto.*” (Mt 4.3-11)

Conforme os textos bíblicos, devido a recusa das propostas do inimigo diante das quais Jesus resiste com lealdade, “o diabo o deixou. E os anjos de Deus se aproximaram e puseram-se a servi-lo.” Para o judeu messiânico Stern, nesta ocasião, Satanás assedia Jesus

³⁷JEREMIAS, 2004, p. 146.

com cada uma das três categorias de tentações: A concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida.

A “*concupiscência da carne*”: (Rm 7.5) “se você é Filho de Deus ordene que estas pedras se transformem em pães”. “*a concupiscência dos olhos*”- o adversário (...) mostrou-lhe todos os reinos do mundo em toda a sua glória e lhe disse: “Se você se ajoelhar e me adorar eu lhe darei tudo isso.” E “*a soberba da vida*”- o diabo transportou-o à cidade santa, Jerusalém, o colocou sobre o pináculo do templo, e disse-lhe: “Se és Filho de Deus” disse, “pule!”³⁹

Para Stern, Jesus demonstrando o poder da Palavra de Deus, resiste ao adversário. Jesus cita a Torá como resposta para todas as três tentações, não permitindo que Satanás execute seu intento. Então, Satanás o deixa. Ladd concorda que Jesus venceu as tentações do reino das trevas e acrescenta que “a mensagem de Jesus é que, na sua própria pessoa e missão, Deus entrou na história humana e triunfou sobre o mal, muito embora a libertação final venha a ocorrer somente na consumação dos tempos”⁴⁰, mostrando aos seres humanos que é possível vencer as tentações e viver separados para Deus com integridade e ética. Ladd ainda afirma que “a missão de Jesus de salvar os perdidos tem uma dimensão presente e, ao mesmo tempo futura. Ele procurou os pecadores não só para salvá-los da ruína futura, mas para conferir-lhes uma salvação presente e real”⁴¹, vivendo a prática do Reino dos Céus, em sua dimensão aqui e agora e de forma circunstancial, na dinâmica de nosso viver hoje.

1.2.1 Jesus e o Reino dos Céus

O Reino de Deus é evidenciado de forma multiforme nos evangelhos. Isso pode ser verificado no caso em que os fariseus perguntam quando tal reino se manifestaria, e Jesus responder sabiamente: “Já está no meio de vós” (Lc 17.20-21). Ladd salienta que o ensino de Jesus acerca do Reino de Deus modifica a linha redentora do tempo. “O Antigo Testamento e o judaísmo ensaiavam a chegada de um dia singular na história, O Dia do Senhor, quando Deus agiria para estabelecer seu reino na terra.”⁴² Sobre este termo que aponta para a soberania real de Deus, Ladd afirma que “a expressão ‘o reino dos céus’ aparece apenas em

³⁹ STERN, H. David. *Comentário Judaico do Novo Testamento*. São Paulo: Atos/Paulista, 2008. p. 47.

⁴⁰ LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo:Hagnos, 2003. p. 94.

⁴¹ LADD, 2003, p. 104.

⁴² LADD, 2003, p. 95.

Mateus, em que é mencionada trinta e uma vezes. [...] A expressão ‘reino de Deus’ é usada várias vezes em Mateus e em vários outros textos no restante do Novo Testamento.”⁴³ Ladd ainda acrescenta que

em apenas um ano, entre 1963 e 1964, surgiram três livros independentemente um do outro, os quais interpretam o Reino basicamente do mesmo modo em termos da revelação e história da redenção. O Reino de Deus é o domínio real de Deus, que tem dois momentos: um é o cumprimento das promessas do Antigo Testamento na missão histórica de Jesus, e o outro é a consumação final no final dos tempos, inaugurando o século futuro.⁴⁴

Os evangelhos, em geral, registram sinais e prodígios a respeito de Jesus. “Ao ver uma mulher chorar por seu filho morto, devolveu a vida ao filho”, “concedeu paz ao coração de pecadores”, “multiplicou pães e peixes”, “restituiu visão a cegos”, “curou enfermos”, e “fez muitos outros milagres”. Balducci argumenta que o episódio, ocorrido em Nazaré, no primeiro período da vida pública de Jesus, esclarece sem equívocos os seus projetos. “Na sinagoga, ele lê um trecho de Isaías, que fala de um enviado para dar a boa notícia aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a libertação dos escravos e pôr em liberdade os prisioneiros, para promulgar o ano da graça do Senhor.”⁴⁵

Balducci destaca que após a leitura desta passagem da Torá feita na sinagoga, Jesus comenta o texto e surpreende o povo com uma declaração espantosa. “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura” (Lucas 4.21). Para ele este comentário feito após sua leitura indica claramente a consciência do propósito de Jesus Cristo. Ele exige mudança e transformação social como resultado da ação de Deus na vida daqueles que nele acreditam e queiram fazer parte do Reino dos Céus: “arrependei-vos porque está próximo o Reino dos Céus” (Mt 4.17).

Balducci defende que, com a vinda de Jesus, o mundo deve mudar, pois Deus agirá em favor dos pobres, dos oprimidos, dos injustiçados e dos aflitos que, vistos pelos óculos da sociedade capitalista, são os últimos, os piores, os deixados para traz. A esses, “marginalizados”, Jesus estende a sua voz e a sua misericórdia. É o Justo oferecendo a sua justiça, tendo propriedade para executá-la. Enfim Balducci acredita que é exatamente esta a tônica de Mateus, o qual compreende e apresenta Jesus como o Senhor que pode levar as pessoas a mudarem de tal forma que se tornam capazes de realizar algo novo.

⁴³ LADD, 2003, p. 90.

⁴⁴ LADD, 2003, p. 87.

⁴⁵ O texto de Lucas utiliza a tradução grega dos LXX que fala da vista restituída *aos cegos* e não da luz dada aos prisioneiros. Jesus leu o texto de Isaías em hebraico e não na tradução grega, apud BALDUCCI, E. Martins. *Linguagem Profética das bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 1995.p. 6.

Permitir que esta conversão acontecesse e aconteça ainda hoje, parece ser a “regra de ouro” das bem-aventuranças e com a promessa de que “delas é o Reino dos Céus.” Ladd destaca que o Reino dos Céus se constitui numa nova era de salvação em que Jesus usa as circunstâncias para executar seu ministério salvífico.

A presença da salvação messiânica também é observada nos milagres de cura que Jesus realizou em cuja descrição foi usada a palavra grega que significa “salvar”. A presença do Reino de Deus em Jesus significa a libertação da hemorragia (Mc. 5: 34), da cegueira (Mc. 10: 52), da possessão demoníaca (Lc. 8: 36) e até mesmo da própria morte (Mc. 5: 23). Jesus reivindicou que tais livramentos foram evidências da presença da salvação messiânica (Mt 11: 4, 5). Esses feitos foram considerados como garantia da vida do Reino Escatológico que, no final, significará a imortalidade do corpo. O Reino de Deus preocupa-se não somente com as almas dos homens, mas com a salvação do homem em sua totalidade.⁴⁶

A natureza do Reino de Deus é claramente ilustrada através desses feitos, em que Jesus apresenta a felicidade a partir do Reino de Deus. Zeilinger enfatiza que “as bem-aventuranças são de natureza cristológica”, e apresentam o Messias em sua missão dando sinais concretos do Reino de Deus. Para ele, Jesus vê a felicidade de um jeito bastante diferente do nosso, indo além da visão natural. Jesus enxerga a felicidade onde não enxergamos. Ele também não se refere a uma felicidade comum e passageira, e sim à felicidade eterna com base em atitudes de amor ao próximo que é resultado da graça divina.

1.2.2 Reino dos Céus, Reino de Deus

Vemos que Mateus utiliza o termo Reino dos Céus, enquanto Lucas utiliza o termo Reino de Deus. “Mateus prefere falar de Reino dos Céus, mas o sentido é o mesmo [...]. Os judeus evitavam pronunciar o nome de Deus e o substituíam por um equivalente. Céus é aqui um simples equivalente de Deus.”⁴⁷ De ambas as formas Deus nos mostra que é rei intervindo na história, fazendo alguma coisa, agindo como um rei bom, se declarando o Deus dos pobres, e colocando os mesmos em situação privilegiada em relação ao seu reino. Ele se mostra generosamente em Jesus na perícopes das bem-aventuranças.

⁴⁶ LADD, 2003, p. 106.

⁴⁷ A MENSAGEM das bem-aventuranças. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 20.

A base para esta forma de reino é o amor. Segundo Gingrich, “é amar, querer bem, gostar das pessoas, mostrar-se solícito, sendo a mais típica e excelente virtude cristã, que leva a valorizar e ter em alta estima.”⁴⁸ Freire escreveu sobre o sentido do amor em sua prática, o que ele denominou “amorosidade, amor como uma potencialidade e uma capacidade humana que remete a uma condição de finalidade existencial ético-cultural no mundo e com o mundo.”⁴⁹ Este amor de Deus é revelado à humanidade, nas Escrituras e na pessoa de Jesus (Jo 3.16).

1.2.3 Contextualização do Sermão da Montanha

Zeilinger mapeia a macro estrutura do Sermão da Montanha. Ainda que para ele a fronteira exata de cada uma das seções permaneça discutível, entende que é possível afirmar os seguintes pontos:

O “discurso” começa com uma espécie de *prólogo*, as bem-aventuranças (5,3-12). Em 5, 13-20, segue-se a *abertura* propriamente dita. O *corpus* do “discurso” é formado por três grandes partes, as chamadas seis “antíteses” (5,21-48), as três instruções sobre a beneficência, oração e jejum (6,1-18[24]), e as instruções individuais para a orientação fundamental e para a práxis de vida cristãs, com vistas à segurança da existência, ao julgamento e ao relacionamento com Deus e com as pessoas.⁵⁰

Também conforme Mateus 5.1-2, o Reino dos Céus é apresentado com suas normas (5.3-12) e seu testemunho (5.13-16). A grande estrutura do sermão vai de 5.17 a 7.12. Esta inicia e conclui com a forma em que o Reino de Deus está relacionado com as Escrituras, precisamente o Antigo Testamento, “a Lei e os Profetas”. O apóstolo Paulo também se refere aos Evangelhos, harmonizando a fé tanto de judeus quanto de outros povos como os gregos (Rm 1.16). Para Zeilinger, o sermão da montanha comporta o conteúdo essencial do ensinamento de Jesus sobre o chão das Sagradas Escrituras de Israel e da jovem igreja. O contexto que precede as bem-aventuranças tem seu início em 4.23 indo até 5.2. Sobre o assunto Mateus traz a seguinte declaração:

⁴⁸ Agapao. GINGRICH; DANKER, 2007, p. 10.

⁴⁹ DICIONÁRIO Paulo Freire. Belo Horizonte: Autentica, 2010. p. 36

⁵⁰ ZEILINGER, 2008, p. 21-22.

Jesus percorria toda a Galiléia, ensinando em suas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando toda e qualquer doença ou enfermidade do povo. Sua fama espalhou-se por toda a Síria⁵¹, de modo que lhe traziam todos os que eram acometidos por doenças diversas e atormentados por enfermidades, bem como endemoninhados, lunáticos e paralíticos. Ele os curava. Seguiam-no multidões numerosas vindas da Galiléia, da Decápole⁵², de Jerusalém, da Judéia e da Transjordânia. Vendo Ele as multidões, subiu à montanha. Ao sentar-se, aproximaram-se dele os seus discípulos. E pôs-se a falar, e os ensinava [...] (Mt 4.23-5.1).

Para Hanssen, Mateus mostra o quanto a mensagem de Jesus se espalha largamente, através de curas, que formam o sinal privilegiado do advento do Messias. Mateus também mostra que a realeza de Deus, por meio do seu povo, ocupa o centro do ensino de Jesus como ocupava o ideal teocrático do Antigo Testamento. Ele entende que o Reino de Deus acontece sobre o povo e através do povo. Sendo assim, Hanssen reconhece que Mateus admite um Reino no qual Deus será realmente o Rei, porque seu reinado será reconhecido por eles no amor.

Mateus não fala apenas do Reino dos céus como simplesmente o bem salvífico escatológico, mas também da realeza do Filho do Homem (cf. 13,41; 16,28; 20,21). A representação assume forma concreta na interpretação da parábola do joio (13,36-43), pois no fim do mundo o filho do homem “apanhará do seu Reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançará na fornalha ardente” (13,41-42). O reinado do Filho do Homem, portanto só pode concernir com a Igreja *nesse mundo*. Por meio dele, a Igreja é “semeada” e, mediante o ensinamento dele e a prática de sua palavra, obtém seu perfil definitivo.⁵³

No centro do ensinamento do Sermão da Montanha, está o propósito de um comportamento que corresponda à natureza de Deus. Jesus também não promete triunfos terrenos e pessoais. Jesus resignifica o conceito de felicidade e de reino, ancorando-os no amor a Deus e ao próximo. Também, mapeia o progresso do Evangelho na medida em que nos entregamos a uma vida cristã atuante e resplandecente, cujo propósito não é alguma glória pessoal, e sim, a dinâmica do reino de Deus.

Em poucas palavras, Jesus, pelo viés das bem-aventuranças nos traz uma nova configuração de mundo, fundamentado em Deus e no Seu Reino, cujas implicações se evidenciam através de atitudes. Para Jesus não existe cristianismo hermético, isolado. Ele persuade à prática, como o sal que tempera, a não ser que se tornou insípido (Mt 5 13-14).

⁵¹ Este termo designa vasto território dividido em três grandes províncias, entre as quais a “Sírio-Palestina”. A BÍBLIA de Jerusalém, 2008, p. 1710.

⁵² Decápole era um agrupamento de dez cidades livres com o seu território, espalhadas principalmente a leste e ao nordeste do Jordão, até Damasco inclusive. A BÍBLIA de Jerusalém, 2008, p. 1710.

⁵³ HANSSSEN, 1999 apud ZEILINGER, 2008, p. 83-84.

Enfim, os evangelhos mostram que Jesus vem reconciliar Divino e a humanidade. Fica evidente a relação que existe entre o Reino de Deus e seu amor. O amor de Deus é personificado em Jesus que atua por palavras e gestos. Também convida a todas e todos a fazerem parte deste Reino já manifestado em Jesus. Ele toma a iniciativa de “buscar e de salvar o que se havia perdido” (Lc 19.10). Diante de tão grande convite, Deus espera uma resposta favorável. Participar do seu Reino é o maior projeto de todo o evangelho. A partir do arrependimento, é possível encontrar o perdão de Deus proporcionado por Ele mesmo na pessoa de Jesus. Este assunto que será abordado no terceiro capítulo.

II AS BEM-AVENTURANÇAS

2.1 Leitura das bem-aventuranças a partir do evangelho de Mateus

Olhando para o mundo conturbado nos dias de Jesus, como o domínio sanguinário do império romano, a escravatura, a inferioridade da mulher e da criança, os altos impostos a César, a hipocrisia dos fariseus e saduceus, a violência dos essênios, entre outras tantas marcas sociais, seria impossível um olhar superficial da parte de Jesus. Ele é em si a própria mensagem. Mateus e Lucas registram as tradicionalmente conhecidas bem-aventuranças (Mt 5.2-12 e Lc 6.20-26). Elas devem ter intimidado alguns judeus do primeiro século, pois invadem todo e qualquer conceito de sabedoria convencional. As bem-aventuranças apontam para o Reino ao qual Deus deseja conduzir a humanidade. Para Stella, trata-se de um discurso “divino”:

As bem-aventuranças constituem um magnífico prelúdio ao discurso da montanha, no qual Jesus, com afirmações rigorosas e aparentemente paradoxais, fazendo um apelo à aspiração universal com vistas à felicidade, porém elevando-se acima de toda a satisfação temporânea ou simplesmente humana, indica a felicidade do Reino dos Céus que consiste na visão intuitiva de Deus, e determina as condições da vida, quer interior, quer exterior, favorecendo-nos já numa antecipação de recompensa individual.⁵⁴

Aqui é possível encontrar o desafio da contrariedade cultural. A proposta é de uma felicidade celestial. Focam-se aqui os militantes do Reino de Deus. “E pôs-se a falar e os ensinava, dizendo” (Mt 5 2). Jesus revela cuidados que demonstram solicitude, se assenta e partilha seu tempo com as pessoas. Seu ensino não é favorável aos que habitualmente utilizam os lugares privilegiados nas arenas, sinagogas ou palácios. Ao contrário, refuta o esplendor e o luxo interesseiro, ao propor a felicidade celestial com base na humildade, modéstia e singeleza, vistas a partir da ótica divina. Apresentamos, pois, as perícopes de Mateus e Lucas segundo o comentário de Zeilinger.

⁵⁴ STELLA, Jorge Bertolaso. *A religião de Cristo*. São Paulo: (editora) 1978. p. 17.

2.2. Prólogo de (Mt 5, 3-12) forma e origem e seu paralelo com Lucas

Mt 5,3-12⁵⁵:

3^a. *Felizes os **pobres em espírito**,*
B *porque deles é o Reino dos céus.*

4^a. *Felizes os **aflitos**,*
B *porque serão consolados.*

5^a. *Felizes os **impotentes**,*
B *porque herdarão a terra*

6^a. *Felizes os que têm fome*
E sede de justiça
Porque serão saciados.

7^a *Felizes os **misericordiosos**,*
B *Porque alcançarão*
misericórdia.

8^a *Felizes os **puros de coração**,*
B *porque verão a Deus.*

9^a. *Felizes os que promovem a*
***b Paz** porque serão chamados*
Filhos de Deus.

10^a *felizes os que são*
Perseguidos por causa da
***Justiça**, porque deles é o*
Reino dos Céus.

11^a *Felizes sois*
B *quando vos injuriarem e vos*
Perseguiem

Lc 6, 20b-23

20b *Felizes os **pobres**,*
Porque vosso é o Reino de
Deus.

21b *Felizes os que agora **choram**,*
Porque haveis de rir.

21 *Felizes os que agora*
têm fome, porque sereis
saciados.

22 *Felizes sereis,*
quando os homens vos
***odiarem**,*
Quando vos rejeitarem,
Insultarem

⁵⁵ ZEILINGER, 2008, p. 39-40.

C	<i>E (mentindo) disserem todo mal contra vós por causa de mim;</i>		<i>e proscreeverem vosso nome como infame, por causa do filho do Homem.</i>
12 ^a .	<i>Alegrai-vos e regozijai-vos,</i>	23	<i>alegrai-vos naquele dia e Exultai,</i>
B	<i>porque será grande a vossa</i>		<i>porque no céu será grande</i>
C	<i>recompensa nos céus;</i>		<i>a vossa recompensa;</i>
	<i>Pois foi assim que</i>		<i>pois do mesmo modo seus</i>
	<i>Perseguiram os profetas</i>		<i>pais tratavam os</i>
	<i>Que vieram antes de vos.</i>		<i>Profetas.</i>

Em traços gerais as bem-aventuranças abordam o ensino na valorização do ser humano, sua essência e personalidade. Jesus reprova a avareza e o egoísmo causadores da pobreza e miséria. Zeilinger afirma que, nas bem-aventuranças, “se encontram a situação e a promessa que lhe é pertinente, e é formada por ‘oito bem-aventuranças’ (5,3-10) e de outra ‘nona formulada diferentemente’ (5,11-12), fundamentada por uma promessa de recompensa”.⁵⁶ Chevrot concorda que Jesus é pungente nas afirmações sobre felicidade. “Certamente, o Mestre por excelência captura a atenção dos seus ouvintes ao insistir no caráter essencial do Reino de Deus em seus cidadãos. Logo se percebe a sua acessibilidade e quebra de paradigmas.”⁵⁷ Jesus com as bem-aventuranças alcança os oprimidos que estão em busca de Deus.

O Mestre vai promulgar agora as leis do seu reino. Mas, em vez de as enumerar tal como os preceitos do decálogo, louva os que as cumpriram; faz um apelo aos “bem-aventurados”, aos felizes, sobre os quais Deus reinará e com os quais conta para fundar o seu reino na terra. Muitos, dentre aqueles que o escutaram, esperavam que o Libertador de Israel revelasse os seus segredos e lhe indicasse a parte que lhes estava reservada. Estavam ansiosos por passar à ação. Cristo especificará os deveres dos seus discípulos, mas, antes de determinar o que deverão fazer, declara o que devem ser. As bem-aventuranças dizem o que há de caracterizar os discípulos de Cristo. Se tiverem as qualidades exigidas por Ele, serão homens perfeitos e os construtores de um mundo melhor.⁵⁸

Chevrot enfatiza que Jesus valoriza pessoas inseridas em um ambiente social de grandes necessidades, fome, sede, miséria e descaso e oferece o seu Reino. Com esta atitude, Ele reconhece e devolve a dignidade que antes lhe fora roubada pela injustiça social. Jesus os

⁵⁶ ZEILINGER, 2008, p. 41.

⁵⁷ CHEVROT, Georges. *O Sermão da Montanha*. São Paulo: Quadrante, 1988. p. 24.

⁵⁸ CHEVROT, 1988, p. 24.

engrandece. Isso desmente o conceito de felicidade e alegria com base na fartura e na opulência.

2.3 Jesus contrapõe a visão de felicidade

Sendo a felicidade um objetivo comum aos humanos, os caminhos por onde a procuramos são diversos. Jones enfatiza que, “o grande alvo que a humanidade busca é a felicidade.”⁵⁹ Mesters acredita que é inútil procurá-la fora de nós mesmos. “A felicidade que todos procuram nasce é de dentro: do amor que você recebe, da amizade e da bondade que sente e recebe de Deus e dos outros. Jesus pede que a gente procure a felicidade por esse lado.”⁶⁰ Jesus aponta quem a alcançará, surpreendendo, alegrando alguns e contrariando, entristecendo outros. No entanto, a perícopes bíblica mostra que o olhar de Jesus sobre a vida e a felicidade não coincide com o nosso.

E pôs-se a falar e os ensinava, dizendo: Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus. Felizes *os mansos* porque *herdarão a terra*. Felizes *os aflitos*, porque serão consolados. Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Felizes *os puros no coração*, porque verão a Deus. Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. Felizes sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois foi assim que perseguiram os profetas, que vieram antes de vós. (Mt 5.2-13)⁶¹

O termo grego bem-aventurados significa “bendito, feliz, usualmente no sentido de receber o favor divino.”⁶² Também corresponde ao hebraico *asher*, que significa “ter por venturoso, reputar por feliz.”⁶³ No entanto, Stern afirma que “felizes pode ser traduzida por, quão abençoados.”⁶⁴ Stella concorda que o Sermão do Monte é visionário e paradoxal. Ele ressalta que, “para os antigos estóicos, o Sermão do Monte é o mais amplo e mais radical paradoxo que jamais fora enunciado, Jesus ensinou o avesso daquilo que os homens

⁵⁹ JONES, D. Martyn Lloyd. *Estudos no Sermão do Monte*. 9. ed. São Paulo: Fiel, 1981. p. 605.

⁶⁰ MESTERS, Carlos. *O Sermão da Montanha*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 33.

⁶¹ A BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 1710.

⁶² Makários, ia, íon bem-aventurado, bendito, feliz, usualmente no sentido de receber o favor divino. GINGRICH; DANKER, 2007, p. 129.

⁶³ KIRST, Nelson et al. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. São Leopoldo: Sinodal; Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 20.

⁶⁴ STERN, 2008, p. 48.

pensavam [...].”⁶⁵ Para este grupo, segundo Stella, o “mudar de mente” mais paradoxal está no fato de proclamar felizes, olhando a um futuro remoto, os pobres, os que choram, os aflitos entre outros.

Jesus radicaliza ao firmar a felicidade no conceito do ser. Este vínculo de amorosidade, fruto da oração, ação é capaz de construir um caráter justo, capaz de olhar para o que é certo, e resulta em tranquilidade e paz de consciência. Chevrot justifica esta felicidade. “Em que se fundamenta esta felicidade? Na certeza que Deus nos ama infinitamente. Somos filhos do Pai dos céus, que nos convida a participar da sua eterna bem-aventurança.”⁶⁶

2.4 Bem-aventuranças comuns a Mateus e a Lucas

Ao comparar as bem-aventuranças pelos dois evangelistas, percebe-se que embora tratem do mesmo assunto, existem semelhanças e diferenças evidentes entre seus escritos. Chevrot aponta as disparidades existentes. “Os dois evangelistas por quem conhecemos o Sermão da Montanha apresentam duas versões diferentes das bem-aventuranças. Em Mateus, elas são oito; Lucas citou apenas quatro, as mais simples [...].”⁶⁷ Para Chevrot, Mateus é extensivo enquanto Lucas é sucinto e “silenciou às alusões bíblicas que as encerravam, pouco conhecidas dos seus leitores gregos. Em compensação, elas vêm acompanhadas de quatro imprecisões paralelas que não figuram no texto de Mateus.”⁶⁸ Para Jones, nas bem-aventuranças Jesus oferece uma descrição do seu povo. “Jesus declarou o que eles serão em geral, para, em seguida, apresentar uma descrição um tanto mais detalhada de como eles agirão.”⁶⁹

⁶⁵ STELLA, 1978, p. 14.

⁶⁶ CHEVROT, 1988, p. 20.

⁶⁷ CHEVROT, 1988, p. 23

⁶⁸ CHEVROT, 1988, p. 23.

⁶⁹ JONES, 1981, p. 605.

2.4.1 A primeira bem-aventurança: os pobres no espírito Mateus, os pobres Lucas

“Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus.” (Mt. 5.3)

“Felizes vós, os pobres, por que vosso é o Reino de Deus.” (Lc. 6.20)

A profundidade do ensino de Jesus se torna evidente já na pronúncia da primeira bem-aventurança. Mesters resume da seguinte forma. “A felicidade que todos esperam de Deus vai ser dos pobres. [...] Ouvindo a palavra *makarioi* todo mundo já sabia que tipo de felicidade se tratava, a saber, aquela que todos estavam esperando de Deus.”⁷⁰ Para Queiroz, Mateus “registra uma nova forma de percepção, do que é ser ‘pobre’. Lucas, porém o fez levando em consideração o contraste dos ‘ais’ para os ricos e fartos (Lc 6.20-26). Logo o enfoque de Lucas é sócio-econômico.”⁷¹ Jeremias observa que Mateus contém um acréscimo em relação à primeira bem-aventurança de Lucas. Para ele, a inserção no Reino dos Céus ou de Deus redimensiona a relação com o dinheiro e as riquezas e abre portas para a plena liberdade, que transcende necessidades básicas e circunstâncias do mundo físico.

Somente quando vivemos no Reino de Deus, estamos livres da ansiedade de ter, possuir e acumular. Em outras palavras, quando entramos no Reino de Deus no seu shabat⁷², o descanso ativo, no qual o que temos pode não ser tudo, mas sempre será o suficiente. O termo Reino dos Céus em Mateus é substituído por Reino de Deus em Lucas. Outra diferença substancial se encontra na inclusão “em espírito” que denota uma tônica espiritual ao texto e divide opiniões, embora pareça ser uma expressão própria do evangelista Mateus.⁷³

Para Jeremias o fato de Mateus acrescentar o termo “em espírito” dá outra dimensão à frase e a direciona ao mundo espiritual e pode se referir ao estado interior e dependência da vontade de Deus. Já a expressão Reino de Deus, procede do termo “*basiléia*, sendo traduzido, por reinado, domínio real, governo, reino”.⁷⁴ Jeremias afirma que “o termo [...] é usado em Mateus 27 vezes”.⁷⁵

⁷⁰ MESTERS, 1973, p. 16-17.

⁷¹ QUEIROZ, Carlos. *Ser o bastante: Felicidade à Luz do Sermão do Monte*. 2. ed. Curitiba: Encontro; Viçosa: Ultimato, 2006. p. 60.

⁷² Shabat: dia de descanso solene. KIRST, 2011, p. 244

⁷³ JEREMIAS, 2004, p. 34.

⁷⁴ GINGRICH; DANKER, 2007, p. 41.

⁷⁵ Mt 5.10, 19ab, 20; 7.21; 8.12; 13.19,24,38,43,44,45,52;16.19; 18.13,4,23;19.12;20.1;21.31,43;22.2;23.13; 24.14; 25.1, apud JEREMIAS, 2004, p. 72.

Certamente a citação de Jesus “pobres no espírito” não se refere somente à situação econômica. É possível ao pobre ser orgulhoso e ao rico ser humilde, não obstante ser mais comum à situação inversa. Em vários textos sagrados é possível encontrar o termo bem-aventurado sem referir-se especificamente a pessoas pobres. Este é o caso de Apocalipse que declara “bem-aventurados aqueles que leem, ouvem e guardam a Palavra de Deus” (Ap.1.3). O texto remete felicidade à fidelidade a Deus.

Já Lucas, afirma resumidamente “bem-aventurados vós os pobres.” (Lc 6.20). Não obstante a situação de pobreza poder trazer humildade antes que a fartura dos ricos, esta expressão tem sua base no amor ao próximo, que pode estar sendo vítima da injustiça social, portanto desprovido do mínimo necessário. Jesus começa tocando a fonte do caráter do cidadão do Reino: sua atitude para consigo mesmo, dele para com o próximo e dele para com Deus.

O ideal proposto por Lucas não é de pobreza, nem de desapego, mas, mais simplesmente e mais profundamente um ideal de amor fraterno. Ele se traduz não em amor à pobreza, mas em amor aos pobres; e impele não a nos tornarmos pobres, mas cuidarmos para que não haja ninguém em necessidade. A pobreza da qual fala as bem-aventuranças não se apresenta de modo algum como um ideal para os cristãos. Ela constitui antes uma situação que causa revolta a Deus e que atinge a sua honra. O único ideal que pode haver é o ideal do amor, o qual leva sem dúvida, a empobrecer-nos para nos unirmos aos que estão em necessidade, a fim de que eles não sejam mais pobres. O único ideal, o único “voto” religioso possível é o do amor.⁷⁶

De fato o amor é a base do Reino de Deus (Jo 15.12) e conduz à prática do bem comum e da misericórdia entre os humanos, além não dar espaço a censura e julgamentos precipitados. Desprovidos de amor corre-se o risco de agir hipocritamente e sem solicitude, o que provoca revolta da parte de Deus. Portanto, o ideal de pobre ali descrito não se constitui de um voto de pobreza ou miséria e sim de um coração voluntário e generoso capaz de compreender, se comover e contribuir diante da necessidade alheia.

2.4.2 A segunda bem-aventurança: os mansos herdarão a terra

“Felizes os mansos porque herdarão a terra.” (Mt 5.3)

⁷⁶ A MENSAGEM das bem-aventuranças, 1982, p. 23.

A mansidão necessariamente é expressa na postura e conduta em relação ao próximo. Jesus podia mesmo falar de mansidão. Pedro testemunha o quanto Ele o fora. “Quando injuriado, não revidava; ao sofrer, não ameaçava, antes punha a sua causa nas mãos daquele que julga com justiça.” (1 Pe 2. 23) Ser manso é ser paciente mesmo quando sofremos injustamente. Esta bem-aventurança contrapõe o despotismo dos fortes, valentes.

Já a falta de mansidão consiste na necessidade fictícia de provar aos outros que se é melhor, mais forte. “Perdemos a mansidão quando instalamos interiormente o paradigma da vitória a partir da derrota do outro.”⁷⁷ Ao contrário do egoísta que só consegue ver um mundo cercado onde ele precisa ter o domínio, o manso em sua virtude possui o justo equilíbrio para apreciar valores em seu próximo. Mansidão é atitude e isso não depende de outros, senão da própria decisão interior de reconhecer a total imperfeição. Para Jones a mansidão “trata-se de uma qualidade de caráter, que é em nós produzida pelo Espírito de Deus. Esse é um fruto direto do Espírito. É algo que nos é oferecido, tornando-se assim possível para nós todos.”⁷⁸

Jesus venceu o mundo pelo viés da mansidão.

Ele, estando na forma de Deus não usou seu direito de ser tratado como um deus mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem abaixou-se tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz. (Fp. 2. 5-11)

Para Mesters, esta bem-aventurança quer “colocar incondicionalmente todas as pessoas que sofrem qualquer que seja seu sofrimento no centro das atenções. Ela ajuda a ter a coragem para o encontro com os sofredores, pois dá esperança onde nos faltam as palavras.”⁷⁹ Mansidão é virtude, é seguir a Jesus, que a esbanja e nos orienta a seguir o exemplo.

2.4.3 A terceira bem-aventurança: os aflitos serão consolados

“Felizes os aflitos, porque serão consolados.” (Mt. 5.5)

“Felizes vós que agora chorais, porque haveis de rir.” (Lc. 6. 21)

⁷⁷ QUEIROZ, 2006, p. 76.

⁷⁸ JONES, 1981, p. 605.

⁷⁹ MESTERS, 1973, p. 46.

Esta bem-aventurança, comum aos dois evangelistas, trata da angústia e amargura, a quem Jesus deixa uma promessa de consolo. A situação de aflição é temporária, enquanto a felicidade oferecida por Jesus, resultado da salvação, graça ilimitada, é um estado eterno, onde não haverá mais tristeza de qualquer espécie. Oliveira, considerando o contexto em que foi proclamada esta bem-aventurança, afirma que com “o levantamento da raiz da palavra ‘consolar’, em hebraico, podemos constatar que ela está ligada a uma situação dramática, vivida pelo povo em momento extremamente difícil.”⁸⁰ Nessa circunstância, não existe esperança humana capaz de reverter a situação.

Quando falta esperança humana, o povo grita, volta-se para Deus pedindo socorro e tem certeza de que Ele responderá o apelo. [...] O consolo de *YHWH* é sempre resposta a uma situação de esmagamento da vida, de violação dos direitos e de achatamento da esperança popular.⁸¹

Jesus viveu a maior aflição já experimentada por um ser humano, no terrível episódio da cruz, no entanto, permanece leal em seu propósito; conduziu por essa via dolorosa a salvação da humanidade. “Por isso Deus soberanamente o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo o nome a fim de que ao nome de Jesus todo o joelho se dobre [...]” (Fp 2.9-10). Aqui está a maior prova de mansidão, o auto-esvaziamento.⁸²

2.4.4 A quarta bem-aventurança: os que têm fome e sede de justiça

“Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.” (Mt. 5.6)

Aqui novamente vemos um acréscimo registrado por Mateus em relação a Lucas. Jesus usa palavras profundas e fortes para ilustrar seu desejo de justiça, “fome e sede” e que não são de sensações passageiras. A fome fere e é dolorosa e não passa enquanto não for satisfeita, agindo da mesma forma a sede. Assim, fome e sede de justiça também provocam sofrimento e agonia.

⁸⁰ OLIVEIRA, Ivone Brandão de. *Caminhar para o Reino com as bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 105.

⁸¹ OLIVEIRA, 2005, p. 105.

⁸² Esta é a grande passagem cristológica que projeta luz sobre a encarnação de Jesus Cristo. A tradução literal do termo **ekenosem**, de que deriva o termo teológico e técnico **kenosis** ou auto aniquilamento. Jesus que **existiu em forma de Deus e igual a Deus** (6), humilhou-se a Si mesmo **tomando a forma de servo** (7) em lugar da pré-existente forma de Deus. DAVIDSON. *O novo comentário da Bíblia*: São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 1277.

Tão necessário quanto o alimento e a água é a justiça. Oliveira destaca que a mesma se constitui em um fator muito importante, um valor fundamental para a organização da sociedade. “Ela é a condição para garantir uma vida digna para todos. A implantação da justiça implica questões econômicas, políticas, jurídicas, educacionais e religiosas.”⁸³ O modo justo e perfeito de Deus tratar as pessoas convoca a ajustar-se ao seu padrão. “Portanto, deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito.” (Mt 5.48). A justiça preserva a vida e garante o direito de todos. Porém ela só é mantida se houver relações justas entre as pessoas. No entanto, se faz necessário a precaução para possíveis desvios e violações da justiça. Estes acontecem quando ela é praticada em nome de uma ordem que privilegie alguns em detrimento de outros.

Para Sanches, a justiça engloba toda a relação com Deus e com o próximo. Ele destaca que “este equilíbrio obtido na oração nos libera do ‘reducionismo’ pelo qual nos limitamos a ver apenas um aspecto das coisas; em cujo caso o plano de Deus é colocado separadamente como algo sociológico ou espiritual [...]. Deus salva a pessoa humana como um todo.”⁸⁴ Sung concorda que a visão bíblica é o homem como um ser integral.

A ideia de que o homem é composto de duas partes não é da Bíblia, é da filosofia grega e alega haver um conflito entre corpo e alma, e que o mais importante seria alma e não o corpo e, portanto a religião deveria tratar da alma e não do corpo [...]. O problema disso é que você fica indiferente a todo o sofrimento porque todo o sofrimento se passa no corpo [...] é um tipo de religião que gera insensibilidade e leva a deixar o mundo como está e a justificar o sofrimento alheio. Na bíblia o ser humano é visto como um ser corporal que é movido pelo espírito que recebemos de Deus, o ser humano é um ser corporal, um ser corpo vivente, ou seja, um vivente, então, se você tem um ser que sofre ou é humilhado por causa da raça, tem que ser solidário com essa pessoa.⁸⁵

Também para Wolff o termo *nefesh* define o todo do ser humano, portanto, “deve ser vista em conjunto com a figura total do ser humano e especialmente com sua respiração”⁸⁶. Portanto não descreve uma parte em contraposição a outra parte, e sim o ser humano num todo. Pois se uma parte sente algo ou o deseja, é a pessoa num todo que o sente e que o deseja. Wolff ainda destaca que “para os semitas o ato de comer, de beber e de respirar

⁸³ OLIVEIRA, 2005, p. 108.

⁸⁴ SANCHES, Manuel L. *As Bem-Aventuranças*: Breve comentário. São Paulo: Loyola, 1991. p. 58.

⁸⁵ SUNG, Jung Mo. *Novos Conceitos de Mundo*. São Leopoldo, EST, 29 jan. 2011. Palestra ministrada no III Simpósio do Mestrado Profissional em Teologia.

⁸⁶ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 14. Disponível em: <<http://www.hagnos.com.br/produtos.asp?código=82>>. Acesso em: 30 set. 2012.

realizava-se na garganta; assim ela era simplesmente a sede das necessidades elementares da vida.”⁸⁷ Wolf ainda alerta para o cuidado com as distorções a respeito do termo.

2.4.5 A quinta bem-aventurança: os misericordiosos

“Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.” (Mt. 5.7)

Ser misericordioso é ser bondoso (Lc 10.37). Tiago alerta que atitudes contrárias à misericórdia representam uma ameaça. “O juízo será sem misericórdia para aquele que não pratica a misericórdia” (Tg 2.13). A misericórdia que Tiago fala é o amor ao próximo, especialmente ao pobre. Esta também parece ser a perspectiva da oração do Pai-nosso (Mt 6.9-14). A “misericórdia é a virtude de quem tem piedade da pessoa a despeito do seu erro, enquanto a justiça é a virtude que preserva essa mesma pessoa buscando não a mera punição do erro, mas a erradicação do mal que provoca o erro.”⁸⁸ A misericórdia que tivermos usado com os outros deverá nos garantir a misericórdia de Deus no juízo.

Jesus considera felizes, bem-aventurados, os que têm sensibilidade com os outros e são capazes de alimentar, visitar, vestir, acolher etc.

Estive nu, e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me. Então os justos lhe responderão: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos forasteiro e te recolhemos ou nu e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso e fomos te ver? Ao que lhe responderá o rei: Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo mais pequeninos, a mim o fizestes. (Mt 25.36-41)

Os misericordiosos são felizes porque a mesma voltará para eles. A misericórdia leva os seres humanos a se compadecerem dos outros. Mas esta expressão de Jesus parece ir além. O que o texto inculca é antes de tudo um modo de agir, de tratar os outros. A bem-aventurança sobre os misericordiosos nos adverte que “Deus medirá com a mesma medida com que medimos os outros” (Mt 7. 2).

⁸⁷ WOLFF, 2008, p. 14. Disponível em: <<http://www.hagnos.com.br/produtos.asp?código=82>>. Acesso em: 30 set. 2012.

⁸⁸ QUEIROZ, 2006, p. 90.

2.4.6 A sexta bem aventurança: os puros de coração verão a Deus

“Felizes os puros no coração, porque verão a Deus.” (Mt. 5.8)

Jesus teve o coração mais puro. Seus pensamentos, sentimentos, atitudes e propósitos nunca tiveram qualquer sinal de impureza. É ponto passivo que, quanto mais pura uma pessoa se torna mais facilmente consegue ver Deus e isso refletirá em compadecer-se com a necessidade dos outros. Para Chevrot, “Cristo, quando veio ao mundo, [...] deu-lhe aquilo que o mundo não possuía. Seguindo o seu exemplo, o cristão conservar-se-á ‘puro de coração’ no meio de um mundo pecador [...].”⁸⁹ e poderá agir com a paz que recebe na sua intimidade com Deus.

Esta bem-aventurança traz consigo a promessa de ver a Deus. No Novo Testamento essa expressão parece resumir, em várias oportunidades, toda a esperança cristã e marcar a finalidade suprema da existência humana. Como é perceptível nos seguintes textos: “Vê-lo-emos tal como Ele é” (1Jo 3. 2); “Vê-lo-emos face a face e não como num espelho” (1 Co 13,12) e “Eles lhe renderão culto e o verão face a face” (Ap. 22. 3-4).

2.4.7 A sétima bem-aventurança: os que promovem a paz

“Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.” (Mt. 5.9).

O Messias, o príncipe da paz, mostra a grandeza do pacificar. Esta bem-aventurança, omitida nos textos de Lucas, é citada por Mateus. Chevrot afirma ser este “o ponto culminante da doutrina das bem-aventuranças. O título ‘filhos de Deus’ que o Mestre concede a seus discípulos contém e ultrapassam as promessas ligadas às bem-aventuranças precedentes.”⁹⁰ E acrescenta que

nada deve quebrar ou sequer perturbar esta união espiritual baseada no amor e que tem como condição necessária a paz do homem com Deus e a harmonia entre os homens. Por isso quando Deus promulga a carta do seu reino associa o nosso novo título de “filhos de Deus” à missão que nos incumbiu.⁹¹

⁸⁹ CHEVROT, 1988, p. 140.

⁹⁰ CHEVROT, 1988, p. 141.

⁹¹ CHEVROT, 1988, p. 142.

Esforçar-se continuamente para viver em plena harmonia com todos certamente é um ideal alcançável. Mas quem são os pacificadores, desta bem-aventurança? “Pacificadores são aqueles que, graças ao seu poder, impõem a paz na convivência social e reprimem os que eventualmente perturbam essa paz.”⁹² Os textos bíblicos mostram que “Cristo conquistou esse título mediante sua vitória na cruz, pela qual impôs a paz às potências celestes” (Cl 1, 20; Ef 2,15). Portanto, não se trata apenas ou somente de pessoas pacíficas ou pacificadoras, e sim de pessoas que a produzem e fazem com que a paz aconteça. Trata-se “de uma categoria intermediária que podemos chamar de promotores da paz”⁹³. Pensar a paz ou falar de paz é diferente de viver a paz e promovê-la.

A definição “fazedores de paz” parece ser rara no Novo Testamento e se refere àquelas e aqueles que trabalham pela paz. A palavra paz no Antigo Testamento, *shalom* significa também “tranquilidade, sossego, despreocupação, prosperidade, êxito, relacionamento próspero, paz, amizade, amabilidade e salvação.”⁹⁴ No Novo Testamento Jesus é o “Príncipe da Paz” que estabeleceu um bom relacionamento entre nós e Deus. “Tendo sido, pois justificados pela fé, estamos em paz com Deus por Nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5.1). Ele é a base para viver em plena harmonia com Deus.

2.4.8 A oitava bem-aventurança: perseguidos por causa da justiça

“Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.” (Mt 5.10)

Mais uma vez nota-se uma particularidade de Mateus. É perceptível na bem-aventurança anterior que os fazedores de paz são felizes. Mas é preciso ressaltar que a paz, para estes denominados felizes, transpassa os sentimentos de aconchego pessoal, podendo até significar separação e confrontação de poderes já definido, pelo sistema atual. O sofrimento acontece como resultado de sua decisão de ser justo frente à injustiça, agir com amabilidade a despeito do ódio, ser pacificador em meio à guerra. Assim como nas outras bem-aventuranças, Jesus está falando da condição de ser.

⁹² A MENSAGEM das bem-aventuranças, 1982, p. 71.

⁹³ A MENSAGEM das bem-aventuranças, 1982, p. 72.

⁹⁴ KIRST, 2011, p. 252.

O seu Evangelho seria o vinho novo que faria arrebentar os odres velhos; iria contrariar muitos hábitos, suprimir muitas facilidades, semear tantas inquietações e remorsos nas consciências que muita gente não só não o aceitaria como trabalharia para que não se falasse mais nele. Os discípulos não deveriam se iludir. O Evangelho seria impugnado. Tentariam demonstrar a sua falsidade. Caluniariam e ridicularizariam aqueles que o praticassem [...] usando a força, recorreriam a meios mais radicais – o exílio, a prisão e a morte.⁹⁵

No entanto, Deus deseja a salvação de todos. Chama a todos para o seu Reino, escolhe mesmo aqueles que parecem indignos a juntar-se a sua graça. Jesus é capaz de salvar, purificar e transformar. No mesmo sentido é pronunciada a última bem-aventurança.

2.4.9 A nona bem-aventurança: os perseguidos por causa de Jesus, por causa do filho do homem

“Felizes sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois foi assim que perseguiram os profetas, que vieram antes de vós.” (Mt 5 11-12)

“Felizes sereis quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem e proscreverem vosso nome como infame, por causa do filho do homem. Alegrai-vos naquele dia e exultai, porque no céu será grande a vossa recompensa; pois do mesmo modo seus pais tratavam os profetas.” (Lc 6 22-23)

A última bem-aventurança é citada pelos dois evangelistas. Logo se percebe que trata do mesmo grupo das três primeiras. São direcionadas às pessoas que sofrem. No entanto esta perseguição é por causa da justiça. Chevrot afirma que “Jesus, antes de associá-los a sua missão pergunta-lhes se estão dispostos a suportar tudo da parte dos homens a quem levariam a sua mensagem. Se consentirem em sofrer pela justiça, pelo Evangelho, pela causa do seu nome, então o Reino dos céus será deles.”⁹⁶ Jesus aqui novamente surpreende, afastando qualquer possibilidade de o Evangelho receber um acolhimento unânime. A estes que

⁹⁵ CHEVROT, 1988, p. 158.

⁹⁶ CHEVROT, 1988, p. 153.

renunciam o Reino de Deus com vista ao reino do mundo, Lucas os adverte com o “ai de vós” (Lc 6 24-27). Para Davidson a “série de ais, salienta, por um lado, o contraste em caráter entre aqueles que pertencem ao Reino de Deus e aqueles que vivem para o mundo presente.”⁹⁷ Esta perseguição se “constitui em uma injúria contra Deus.”⁹⁸ A causa do sofrimento aqui é a perseguição que pode vir a acontecer como consequência da justiça.

As bem-aventuranças têm sido consideradas por todas as gerações cristãs, a melhor síntese do Evangelho, da Boa-Notícia de Jesus. O seu anúncio mais feliz. Elas revelam o caminho para o Reino de Deus e mostram o verdadeiro rosto de Jesus em suas opções mais profundas.⁹⁹

E por fim, a mensagem das bem-aventuranças ensina que o Messias apenas inaugurou o Reino de Deus, confiando aos seus discípulos o encargo de anunciá-lo no mundo. “Bem-aventurados os que proclamam as bem-aventuranças porque caminham na direção certa [...]. O texto das bem-aventuranças é o mais adequado para celebrar a história de um povo a caminho.”¹⁰⁰ Para Oliveira, a grande meta proposta pelas bem-aventuranças é “a construção da paz, caminho árduo e exigente, pois implica: compromisso com a justiça (os que têm fome e sede de justiça), empenho, (proteção e cuidado) com a vida (os misericordiosos), transformação interior pela vontade de YHWH (os puros de coração)”¹⁰¹

Concluo que as bem-aventuranças mostram que o Reinado de Jesus continua no mundo na medida em que os cristãos, judeus e gentios, submetem-se à sua autoridade. Por ela suportam as perseguições e acolhem calorosamente seus ensinamentos. Deste modo demonstram verdadeiro testemunho ao mundo a respeito do Reino de Deus. Sendo assim, bem-aventurado é aquele que ouve a palavra para colocá-la em prática, não obstante entender que o ensino das bem-aventuranças jamais caberá nos limites e medidas da fé tradicional.

Em poucas palavras, as bem-aventuranças, não vem trazer uma receita já pronta ou formatada, mas, mostram o que está certo e o que está errado na vida do povo de Deus, e despertam a sair das convicções e procurar respostas com base em Jesus e no Evangelho.

⁹⁷ DAVIDSON, 2008, p. 1037.

⁹⁸ A MENSAGEM das bem-aventuranças, 1982, p. 29.

⁹⁹ OLIVEIRA, 2005, p. 2.

¹⁰⁰ OLIVEIRA, 2005, p.5.

¹⁰¹ OLIVEIRA, 2005, p. 11.

2.5 Jesus contrapõe a lógica do capitalismo

Lucas alerta sobre o perigo existente na fartura e na opulência que torna os homens míopes, o que os levará a pensar somente em si próprios e esquecer-se dos pobres, como está ilustrado na “parábola do rico e do Lázaro”. A maldade dos ricos acontece quando se conservam fechados em seu egoísmo, incapazes de pensar nos outros. “Aí de vós que agora estais saciados, porque tereis fome! Ai de vós, que agora rides, porque conhecereis o luto e as lágrimas! Ai de vós, quando todos vos bendisserem, pois do mesmo modo seus pais tratavam os falsos profetas.” (Lc. 6.24-27). Chevrot comenta sobre o “ai de vós” descrito na primeira bem-aventurança de Lucas e destaca que

O Evangelho não nega que estes bens contribuem para a nossa felicidade, nem que o bem-estar individual depende da prosperidade de um país; existe, portanto, uma obrigação social de os valorizar. Deus não condena nem o espírito de iniciativa nem as transações de um negócio sério.¹⁰²

No entanto, a questão aqui é aqueles que usam a riqueza para afastar-se de Deus “são aqueles a quem o dinheiro atormenta ou contenta. Não olham para dentro, nem para longe, nem para cima de si próprios; desde que ganhem e acumulem, ei-los *satisfeitos*”.¹⁰³ Jesus reprova ousadamente a desigualdade e a tirania. “Longe de glorificar a indigência, Ele condena os regimes sociais que lhe dão origem.”¹⁰⁴

As palavras de Jesus parecem fortes para os humanos suportarem, pois conduzem à resignificância de ideias já estabelecidas principalmente ao mundo capitalista. Quando nos reportamos ao texto partindo desta ótica, determinista, que supervaloriza o dinheiro e desumaniza as pessoas, podemos perguntar: quem é de fato o bem-aventurado, ou feliz? Não parece ser como na máxima de Jesus, o pobre, o triste, o faminto, o que não se defende o perseguido etc. Parece até que praticar este ensino do Mestre a partir da ganância que impera no capitalismo é algo irrealizável, pois, prevalece o contrário, a saber, o orgulho e a ambição.

Stella escreveu que, o mundo treme e é abalado e a vida é reconstruída sobre outras bases, sobre a valorização do grande inimigo da humanidade. Ele questiona sobre o que estaria por trás de algo tão mirabolante como se tornou o capitalismo, sejam as decisões econômicas ou outra a sua força propulsora. “Bem-aventurados vós, ó ricos da carne, porque

¹⁰²CHEVROT, 1988, p. 41.

¹⁰³CHEVROT, 1988, p. 42.

¹⁰⁴CHEVROT, 1988, p. 47.

vosso é o reino da terra! Bem-aventurados vós, ó orgulhosos, porque vós herdareis a terra! Bem-aventurados vós que não sentis compaixão, porque vós acumulareis dinheiro.”¹⁰⁵ A visão herdada é a de que quanto maior o esforço se obterá o máximo de vantagens pessoais na corrida econômica.

Charles Darwin falou sobre “a sobrevivência do mais apto”.¹⁰⁶ Ele atribui a convivência do ser humano à causa primária de competir, e conseqüentemente, quem sobrevive é o mais apto. Sobre a ideologia naturalista, Brakemeier destaca que para eles “a dignidade humana já não mais constitui assunto de especial relevância. Ela, torna-se antes, objeto de barganha, de competitividade, de produtividade. Em última instância é o mercado quem sobre ela decide.”¹⁰⁷ Aplicando-se isso ao sistema capitalista, gera luta individual de todos contra todos pela sobrevivência. Tendo objetivos bem definidos, como o ganho e o lucro, acaba-se por perder a dignidade humana e amor ao próximo além de gerar impasses planetários etc. Isso acontece porque o capitalismo tem sido usado gradualmente em detrimento da justiça, como podemos ver no texto desta economista norte americana.

Hazel Henderson conta como “entrou” para a economia em Nova York. Os apartamentos eram equipados com pequenos incineradores. Resolvia problemas individuais, mas o resultado era roupa suja em todos os varais, crianças sujas nos parques onde a poeira negra se depositava doenças respiratórias, etc. Quando protestou contra as autoridades, foi lhe explicado que os incineradores geravam empregos, dinamizando a economia.¹⁰⁸

Não é de estranhar a perplexidade da economista. O que leva seres humanos a construir com esforço coisas supérfluas e nocivas e considerar isso bom porque mexe com a economia, atropelando outros esforços como saúde e higiene? Em seu livro a autora escreve como o crescimento da economia culminou numa guerra econômica global insustentável.

No mundo capitalista a obsessão ganha espaço em detrimento da honestidade e da lealdade. Nele, colaborar significa colaborar para os lucros de alguém. A visão darwinista da sobrevivência do mais apto tornou-se epidemia. A competição aparece em todos os lugares: o primeiro lugar, a melhor nota, a melhor roupa, o melhor carro, a melhor casa. Sendo assim o cooperativismo, perde espaço para o capitalismo individualizante desenfreado que,

¹⁰⁵ STELLA, 1978, p. 17.

¹⁰⁶ Embora Darwin, ao falar sobre o assunto, refere-se sobre a seleção natural. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sobrevivencia_do_mais_apto>. Acesso em: 24 fev. 2012.

¹⁰⁷ BRAKEMEIER, Gottfried. O ser humano em busca de identidade. P 9...

¹⁰⁸ HENDERSON, Hazel. *Construindo um mundo onde todos ganhem*. Disponível em: <<http://www.pensamento-cultrix.com.br>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

Se veste com retórica de mercado. Mas busca apenas seu crescimento e, assim, as suas instituições procuram destruir sistematicamente as funções saudáveis do mercado. Eliminam as regulamentações que protegem os interesses humanos e ambientais.¹⁰⁹

Sobre isso Balducci adverte. “O mal nas criaturas e na história não pode ser destruído, porém apenas redimido. Jesus não anulou [...] mas introduziram dinâmicas que lhe colocam obstáculos e que lhe podem anular as investidas perversas.”¹¹⁰ Para Balducci, o mal por sua própria natureza é parasita e se desenvolve na medida em que lhe é oferecido ambiente de ação.

Chevrot lembra que a riqueza extrema pode gerar a escravidão. Ele alerta que “a desigualdade na posse dos bens decorre do exercício legítimo da liberdade humana”.¹¹¹ Para ele, “Cristo, na sua condenação, não engloba ao acaso todos os ricos, indica aqueles cuja fortuna os afasta dEle”¹¹² Estes, não obstante possuírem riquezas, não possuem liberdade e dignidade. Brakemeier comenta que “a dignidade humana tem a misericórdia por condição, tanto a de Deus quanto a da sociedade. É o que se enxerga em Jesus Cristo, protótipo do novo ser humano. Quem a Ele se agregar, [...], voltará a ser o que desde sempre foi e é, a saber, a imagem de Deus”.¹¹³ E a isso acrescenta que, “na raiz da tão falada crise de valores da atualidade, está uma crise antropológica sem precedentes ameaçando substituir a dignidade humana por mera funcionalidade”.¹¹⁴

Para Jung Mo Sung, “a grande pergunta da Bíblia não é se Deus existe, é onde o Deus verdadeiro está. Na maioria das vezes não é na igreja e nos templos, mas, está onde as pessoas lutam pra defender o direito das pessoas mais fracas.”¹¹⁵ Sobre a avareza capitalista, Mo Sung acredita que “o capitalismo capturou o desejo do mundo, as pessoas desejam um padrão de consumo. O desejo também gera conflito entre as pessoas, gera concorrência, o que o capitalismo faz é motivar essa concorrência.”¹¹⁶ Chevrot acredita que quando o ser humano identifica-se com a vontade de Deus contribui para a felicidade, quando se afasta desta vontade soberana perde o foco.

Se pelo contrário o homem não respeita a ordem estabelecida por Deus e quebra a harmonia do seu plano, há de provocar desordens que trarão consigo o seu próprio

¹⁰⁹ KORTEN, David. *The post-corporate world*. San Francisco: Berrett/Koehler, 1999. p. 62.

¹¹⁰ BALDUCCI, 1995, p. 12.

¹¹¹ CHEVROT, 1988, p. 42.

¹¹² CHEVROT, 1988, p. 42.

¹¹³ BRAKEMEIER, Gottfried.p 40

¹¹⁴ BRAKEMEIER, Gottfried... 40

¹¹⁵ SUNG, Jung Mo. Porto Alegre. Simpósio das faculdades EST dia 29 de janeiro de 2011.

¹¹⁶ SUNG, Jung Mo. Porto Alegre. Simpósio das faculdades EST dia 29 de janeiro de 2011.

sofrimento. O homem travará a sua própria realização, contrariará o seu progresso e chegará mesmo a não saber onde está a sua felicidade. Tal sempre foi a história do homem pecador. Mas Deus não nos deixa andar sem rumo. O seu Filho fez-se um de nós para reparar os nossos erros. Perdidos num beco sem saída, tínhamos perdido também a estrada que nos conduz ao nosso autêntico destino. São as bem-aventuranças que nos ajudam a reencontrar o caminho da verdadeira felicidade, sob a areia movediça das alegrias passageiras e dos prazeres ilusórios. Porém elas nos revelam algumas surpresas.¹¹⁷

Para Chevrot, enquanto os reformadores prometem melhorias a partir de revoluções, destruindo para construir melhor, para Jesus a consciência de felicidade está ligada à prática dos preceitos bíblicos, sendo revelada através das beatitudes. As boas ações devem ser uma constante na vida do cristão. “Pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras que Deus já antes preparara para que nela andássemos” (Ef 2.10). A prática das bem-aventuranças, em sua inteireza, é uma disposição que somente a graça e a operação do Espírito Santo é capaz de produzir. De fato Jesus Cristo deve ser a força e riqueza maior. Por fim Chevrot apresenta uma proposta *pós-capitalismo*.

Por sua vez, um filósofo cristão do nosso tempo, Jacques Maritain, tecendo considerações sobre o que deveria ser o regime que sucederia ao capitalismo atual escrevia no mesmo sentido: “A grandeza exige, ao mesmo tempo, pobreza e abundância; não se faz nada de grande sem uma certa abundância; não se faz nada de grande sem uma certa pobreza... A lei trágica, não da natureza humana, mas do pecado do homem, faz com que a pobreza de uns crie a abundância de outros: pobreza de miséria e escravidão, abundância de cobiça e de orgulho. Lei do pecado, que não devemos aceitar, mas combater. O que estaria de acordo com a natureza e o que devemos pedir na ordem social as novas formas de civilização, é que a pobreza de cada um (nem fome nem misérias, mas suficiência e liberdade; renúncia ao espírito de riqueza), uma certa pobreza privada criasse a abundância comum, superabundância, a glória para todos.”¹¹⁸

Certamente o grande problema da desigualdade social está no pecado do homem. “Toda a iniquidade é pecado” (1Jo 5.17). O pecado traz uma série de consequências. Mo Sung lembra que “o pecado original de Adão e Eva é o desejo de ser como Deus e não aceitar a sua condição humana.”¹¹⁹

Stella afirma que Jesus veio trazer um Evangelho universal, para toda e qualquer criatura¹²⁰. Jesus, durante todo o seu ministério, teve compaixão e agiu em favor dos fracos e oprimidos da sociedade. Para isso multiplicou pães e peixes para alimentar multidões, curou mulheres e homens, ressuscitou morto, expeliu demônios e abraçou as crianças, usando-as como referência do Reino dos Céus. Essas declarações descrevem também cada cidadão do

¹¹⁷ CHEVROT, 1988, p. 19.

¹¹⁸ CHEVROT, 1988, p. 49.

¹¹⁹ SUNG, Jung Mo. Porto Alegre. Simpósio das faculdades EST dia 29 de janeiro de 2011.

¹²⁰ STELLA, 1978, p. 18.

Reino de Deus. “Elas marcam a diferença radical entre o Reino de Deus e outras formas de reino”¹²¹. “Deus quer e há de estar ao lado daqueles que precisarem dele, de tantas formas quantas tiver seus anseios e suas necessidades e também de forma particular para cada um.”¹²² Assim também ao ajudar os necessitados demonstramos que Jesus está em nós.

¹²¹ STELLA, 1978, p. 17.

¹²² BORNKAMM, Gunther. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Teológica, 2005. p. 135.

III PALAVRAÇÃO

3.1 Jesus e a cruz: Deus se fez servo = cruz.

Para conhecer a mensagem anunciada por Jesus, é necessário estudar os evangelhos. Neles, encontraremos relatos sobre a Palavra que se fez carne e habitou entre nós. Uma análise sobre o Reino de Deus efetuado na pessoa de Jesus Cristo trará o seguinte questionamento: Por que Jesus foi para a cruz?

O Evangelho de João afirma que o Verbo que estava com Deus tabernaculou com os homens. Aquele que era Deus estava cheio de graça e de verdade. O Verbo eterno é agora identificado com o Cristo da história (Jo. 14.1). Há outras passagens nas Escrituras que apontam diretamente que Jesus é o Messias, como o seu julgamento diante do Sinédrio (Lc. 22.66-23.2). Na confissão de Pedro em Cesárea de Filipos, diante da confrontação de Jesus sobre sua identidade, o discípulo responde: “Tu és o Cristo” (Mc. 8 29). Mateus relata com mais detalhes a resposta de Pedro. “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo” (Mt. 16.16). Jesus aceita e confirma estas palavras (Mt. 16.17). “Cada vez que fizestes a um desses mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt. 25.40). O Novo Testamento revela em Jesus o mais digno exemplo a ser imitado. Brakemeier enfatiza que,

Por meio dele, o próprio Deus se revelou. Jesus é o filho de Deus em sentido qualificado, a saber, como enviado divino. “Deus estava em Cristo, reconciliando o mundo consigo mesmo” (2Co 5.18). Glória divina nele se espelha (Jo 1.14), bem como o amor que Deus tem à sua criatura (Jo. 3.16) [...]. Em Jesus de Nazaré, pois, estão em estreita correlação a humanidade e a divindade. Ele, a um só tempo, revela o que é genuinamente humano e quem é Deus.¹²³

O apóstolo Paulo enfatiza que, Deus enviou o salvador ao mundo, no tempo certo. “Quando, porém, chegou à plenitude do tempo, enviou Deus o seu filho [...]” (Gl. 4.4). Paulo escreveu que o reinado de Deus surge em Jesus, no tempo de Deus, ou seja, o momento exato apontado por Deus. Neste tempo, Deus o enviou. “O verbo transmite a ideia de Deus haver enviado o Filho de sua própria parte, partindo do estado da glória pré-existente. [...] Ele foi

¹²³ BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002. p. 27.

enviado da parte de Deus, nasceu de uma mulher, e assim se tornou verdadeiramente humano.”¹²⁴.

O Reino de Deus é de Deus. Portanto, é um reinado diferente. Surge e acontece num humano. No Cristo a verdadeira humanidade estava presente. Jesus ensinou amar aos pobres e aos inimigos, alimentando a esperança de que um dia participaremos da plenitude do Reino. “Pois há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus, que se deu em resgate por todos” (1Tm. 2. 5-6). Jesus é mediador em sua qualidade de homem, que lhe permite ser salvador de todos.

Para Mueller, Jesus era capaz de reconciliar o homem e Deus, e era um homem consciente de seu ofício. “Sua missão tinha tudo a ver com o corredor que, nele, ligava a terra e o céu.”¹²⁵ Mueller também acredita que houve relutância por parte do reino das trevas.

Chama a atenção à intensa atividade demoníaca nos dias em que Jesus realizou sua missão. Já no início ele é tentado pelo diabo, que lhe promete mundos e fundos se ele desistir dela. Daí em diante, demônios regularmente tentam barrar seu caminho. Eles percebem o que se passa. Sabem que se Jesus completar sua missão não haverá mais lugar no mundo para aquilo que eles representam. Aqui Satã tenta convencer Jesus através de Pedro. Percebendo seus movimentos, Jesus por sua vez repreende a Pedro e ordena a quem fala através dele que saia da frente: “para trás de mim, Satanás! Não vês as coisas da perspectiva divina, e sim da perspectiva humana”.¹²⁶

Bonilla destaca a figura de Jesus e o que ele representa, ou pode representar para todo e qualquer ser humano, independente de sua proposta religiosa. “O propósito da cruz transcende toda a atitude religiosa. Até o ponto em que nenhuma instituição ou pessoa, nenhum movimento nem escola pode apropriar-se do monopólio de sua compreensão definitiva e completa.”¹²⁷ Plutarco também escreve sobre o impacto social e espiritual que Jesus Cristo realizou por nós. Plutarco definiu este impacto como sendo a marcha que mudaria o mundo. “Somente uma marcha foi capaz de mudar o mundo. E não foi a marcha da ‘entrada triunfal’ de Jesus em Jerusalém, mas sim a marcha angustiante e trôpega de um homem de cuja fonte vertia sangue, que carregava uma cruz até o monte Calvário.”¹²⁸

Jesus ao iniciar seu ministério em Canaã da Galiléia, o faz com sinais: “enchei as talhas de água” [...] e outra vez lhes diz: “tirai agora e levai ao mestre sala” (Jo. 2. 7-8). O mesmo Jesus ao terminar seu ministério vai para a cruz, e o faz ciente de que é chegada sua hora. Hora da finalização do seu ministério terreno. Ele se sente preparado para enfrentar o

¹²⁴ DAVIDSON, 2008, p. 1241.

¹²⁵ MUELLER, Ênio R. *Caminhos de reconciliação: a mensagem da Bíblia*. Joinville: Grafar, 2010. p. 89.

¹²⁶ MUELLER, 2010, p. 90.

¹²⁷ BONILLA, Acosta Plutarco. *Jesus: esse exagerado!* São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 98.

¹²⁸ BONILLA, 2002, p. 54.

terrível momento da crucificação, então, ergue os olhos em oração e diz: “Pai, chegou a hora: glorifica teu Filho, para que teu Filho te glorifique” (Jo. 17.1). Ele continua, afirmando: “E agora, glorifica-me, Pai, junto de ti, com a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse” (Jo. 17.5).

Ladd escreveu sobre o plano redentor que inclui a morte de Jesus o seguinte:

O fato da morte de Jesus é sobremodo importante e é enfatizada reiteradas vezes. Contudo, alguma ideia de expiação está implícita nas declarações de que a morte de Jesus não foi um evento meramente trágico, mas ocorreu dentro da vontade e do propósito redentor de Deus. Embora Jesus tenha sido morto pelas mãos de iníquos, sua morte ocorreu de acordo com o plano e presciência definidos por Deus.¹²⁹

Morrer numa cruz não é motivo de orgulho e pompa para ninguém. A cruz é sinônima de morte e maldição (Dt. 21.23). Era literalmente um instrumento de tortura e execução de pena capital, por isso, a dificuldade de dissociá-la da morte. No entanto, Jesus tinha um propósito transcendente com relação à cruz. “Cristo nos resgatou da maldição da Lei tornando-se maldição por nós, por que está escrito: *Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro*” (Gl. 3.13). Esta declaração remete a outra declaração bíblica: “Aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por causa de nós, a fim de que, por ele, nos tornemos justiça de Deus” (2. Co. 5.21).

Jesus fez com que a nossa condenação fosse a Sua própria. Nisso repousa sua obra como redentor. Para libertar a humanidade da maldição divina que a violação da lei fazia pesar sobre eles, Cristo se fez solidário desta mesma maldição. Por este motivo a cruz possui um valor fundamental no Novo Testamento. Ladd ainda argumenta que “Cristo morreu por nossos pecados. Cristo morreu demonstrando o amor de Deus.”¹³⁰ Ladd também argumenta que, “na realidade, uma das melhores justificativas para escrever o Evangelho foi explicar aos leitores gentios como Jesus sendo o filho de Deus, pode morrer de um modo tão ignominioso em uma cruz romana.”¹³¹

Era já mais ou menos a hora sexta quando o sol se apagou, e houve treva sobre a terra inteira até à hora nona, tendo desaparecido o sol. O véu do Santuário rasgou-se ao meio, e Jesus deu um forte grito: “*Pai em tuas mãos entrego o meu espírito*”. Dizendo isso, expirou. O centurião, vendo o que acontecera, glorificava a Deus dizendo: “Realmente, este homem era justo”! E toda a multidão que havia corrido para o espetáculo, vendo o que havia acontecido, voltou, batendo no peito. Todos os seus amigos, bem como as mulheres que o haviam acompanhado desde a Galiléia, permaneciam à distância, observando essas coisas. (Lc. 23 44-50).

¹²⁹ LADD, 2003, p. 472.

¹³⁰ LADD, 2003, p. 43.

¹³¹ LADD, 2003, p. 43.

A cruz, ou melhor, a crucificação de Jesus, ocupa um lugar muito importante no pensamento cristão. Bonilla concorda que a questão da morte de Jesus é inseparável da questão da redenção humana. “Este fato fundamenta suas raízes na experiência e na reflexão teológica das primeiras comunidades cristãs, cujo testemunho encontramos no Novo Testamento. No entanto, isso não significa que ‘a cruz’ seja o centro do pensamento neotestamentário.”¹³² Já o sepultamento de Jesus aconteceu assim:

Eis que havia um homem chamado José¹³³, membro do conselho, homem bom e justo, [...] era de Arimatéia, cidade dos judeus, e esperava o Reino de Deus. Indo procurar Pilatos, pediu o corpo de Jesus. E, descendo-o, envolveu-o num lençol e colocou-o numa tumba talhada na pedra, onde ninguém tinha sido posto. Era o dia da preparação, e o sábado começava a luzir. As mulheres, porém, que vieram da Galiléia com Jesus, havia seguido a José; observaram o túmulo e como o corpo de Jesus fora ali depositado. (Lc. 23. 50-56)

As mulheres vão ao sepulcro, mas não encontram o corpo de Jesus. “No primeiro dia da semana, muito cedo ainda, elas foram ao sepulcro, levando os aromas que tinham preparado. Encontraram a pedra do túmulo removida, mas, ao entrar, não encontraram o corpo de Jesus” (Lc. 24.1-4).

Para Bonilla, os protestantes valorizam mais a ressurreição “porque a cruz ficou vazia para sempre.”¹³⁴ O ensino que todo o Novo Testamento traz é que Jesus tornou possível e real nossa redenção e nosso perdão. “E é pelo sangue deste que temos a redenção, a remissão dos pecados. Segundo a riqueza de sua graça” (Ef. 1.7). Bonilla afirma que “a vida está infectada de morte, não apenas da morte física. Falando aos Efésios, Paulo lhes diz: ‘Estando vós mortos nos vossos delitos e pecados’ (2.1-5)”¹³⁵ Sendo assim, o autor vê a seguinte solução: “Se a morte é o que é, a solução deveria estar em ‘matar a morte’. A maneira mais eficaz de conseguir esse intento seria morrer. Assim aniquilaria a eficiência dela com a ressurreição.”¹³⁶ Mas, como Jesus faria isso? “Uma vez que os filhos têm em comum carne e sangue, por isso também ele participou da mesma condição, a fim de destruir pela morte o dominador da morte, isto é, o diabo; e libertar os que passaram toda a vida em estado de servidão, pelo temor da morte.” (Hb. 2.14-15) “Destruir pela morte o dominador da

¹³² BONILLA, 2002, p. 73.

¹³³ Um membro do conselho Judaico que não havia votado para a condenação de Jesus e que procurava o reino messiânico, tendo conseguido permissão da parte de Pilatos, sepultou o corpo de Jesus em seu próprio sepulcro novo.[...] João diz que ele era um discípulo secreto de Jesus e que também Nicodemos estava associado a este sepultamento (vide João 19:38, 39). DAVIDSON, 2008, p. 1057.

¹³⁴ BONILLA, 2002, p. 98.

¹³⁵ BONILLA, 2002, p. 74.

¹³⁶ BONILLA, 2002, p. 74.

morte”.¹³⁷ Quem seria capaz de fazer isso senão aquele que por sua própria natureza a morte não pode resistir?! “Isso foi o que fez Jesus, o Cristo: ‘destruiu aquele que tem poder sobre a morte.’”¹³⁸

Paulo é enfático ao afirmar que a morte é agora incapaz de reter suas vítimas. “*Morte, onde está a tua vitória? Morte onde está o teu agulhão?* O agulhão da morte é o pecado e a força do pecado é a Lei. Graças se rendam a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo!” (1Co. 15.55-56). O resultado deste grande feito do Senhor Jesus, nos é apresentado novamente por Paulo: “Tendo sido, pois, justificados pela fé, estamos em paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por quem tivemos acesso, pela fé, a esta graça, na qual estamos firmes e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.” (Rm. 5.1-2). Assim, Jesus enfrenta e vence este terrível inimigo chamado morte. Bonilla afirma que “Jesus carrega na sua morte a morte dos outros”¹³⁹ pelo que podemos viver em liberdade (Gl. 5.13). A Ele seja a glória por toda a eternidade.

3.2 Ética das bem-aventuranças: Felizes os fracos, os pobres, os perseguidos...

Sobre ética, Freire define que “a melhor maneira de lutar por ela é vivê-la, é testemunhá-la.”¹⁴⁰ Foi exatamente isso que Jesus Cristo fez e ensinou. As bem-aventuranças nos mostram como viveu entre nós aquele que era o Senhor. Viver em renovação é viver como ele viveu. “Para o bem da humanidade, não pode ser sepultado o sonho por um mundo mais humano, justo, fraterno, habitável, sustentável.”¹⁴¹ A ética pode começar com perguntas como, quem nós somos e quem nós podemos ser. De modo geral os sistemas éticos são “‘deontológicos’ (buscam guiar o comportamento identificando o que é intrinsecamente certo ou errado) ou ‘teleológicos’ (buscam guiar o comportamento entendendo os efeitos causados pelas decisões e pelos comportamentos éticos)”¹⁴².

A ética de Jesus é a ética do Reinado de Deus. Para Ladd, é impossível destacar ou separar sua ética do contexto total e da missão de Jesus. “O Espírito do Senhor está sobre

¹³⁷ BONILLA, 2002, p. 74

¹³⁸ BONILLA, 2002, p. 74

¹³⁹ BONILLA, 2002, p. 109.

¹⁴⁰ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 16.

¹⁴¹ BRAKEMEIER, 2002, p. 48.

¹⁴² DICIONÁRIO de Teologia. São Paulo: Vida, 2002. p. 52.

mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc. 4. 18-19). Não obstante a salvação ser imparcial é evidente o posicionamento de Jesus ao lado dos fracos, dos pobres, dos doentes e oprimidos. Jesus vem por eles e centraliza neles a sua missão no Reino de Deus.

O elemento único no ensino de Jesus é que em sua pessoa o Reino de Deus invadiu a história humana, e os seres humanos não somente são colocados sob a demanda ética do reino de Deus, são também capacitados a dar cumprimento a um novo padrão de justiça. [...] Tal conduta somente é atingível de um modo completo no século futuro, quando o mal for banido; mas o Sermão do Monte deixa bem claro que Jesus esperou que seus discípulos praticassem na era presente. De outra maneira, as declarações sobre a luz do mundo e o sal da terra perdem seu significado (Mt. 5: 13-14). A ética de Jesus incorpora o padrão de justiça que um Deus santo requer dos homens em qualquer era.¹⁴³

Todos são chamados a viver a nova vida em Cristo e no Espírito, ou melhor, todos são chamados à renovação. “O código ético que Jesus Cristo estabeleceu no Sermão da Montanha como nova forma de vida dos súditos do Reino ou as formas concretas de conduta [...] valem para todos os cristãos, sem distinção alguma.”¹⁴⁴ Jesus levava os gananciosos a ressignificarem seus conceitos de felicidade enquanto aproximava os pobres e humildes. De fato Jesus é fonte de inspiração maior também quando se trata de ética. Ele tinha capacidade de sentar, de ouvir, de prestigiar as pessoas, independente de gênero, idade, *status* social etc. Dupont escreve sobre esta valorização pessoal dispensada por Jesus.

Jesus ao ver as multidões se assenta: É hora prestigiar aquelas pessoas. É hora de ensinar, por outro lado é possível imaginar um povo esperançoso, estão ali próximos do Mestre. Que experiência, estavam diante de um ensino coeso, unificado, não muito fácil de compreender e contraditório aos critérios do mundo, que analisa a partir de posses, idade, raça, gênero, cultura etc. Jesus dá espaço para todos quantos desejam ouvir e aprender com Ele, recebendo-os com alegria e simplicidade.¹⁴⁵

Também para Stella, o Sermão da Montanha é “o lugar onde Jesus mostra a natureza do reino de Deus sobre a terra e deve ser admirado sob vários aspectos, mas, sobretudo sobre a ética aplicada por Jesus.”¹⁴⁶ É um programa onde Jesus expõe sua didaque em interface com a religiosidade e o legalismo, mostrando uma realidade maior. É um ideal de justiça. Jesus estimula os impotentes, encorajando-os e lançando luz sobre o lado sombrio de suas vidas, a

¹⁴³ LADD, 2003, p. 171-172.

¹⁴⁴ BONILLA, 2002, p. 70.

¹⁴⁵ DUPONT, Jacques. *O Sermão da Montanha: Introdução, interpretação e estrutura*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982. contracapa.

¹⁴⁶ STELLA, 1978, p. 14.

saber, a pobreza, a miséria, a desgraça e elenca algumas vezes serem estes, “fracos”, os verdadeiramente felizes.

Para Ladd, elemento único no ensino de Jesus é que em sua pessoa o reino de Deus invadiu a história humana; “os seres humanos não somente são colocados sob a demanda ética do reino de Deus, mas, em virtude dessa própria experiência do reino de Deus são também capacitados a dar cumprimento a um novo padrão de justiça”.¹⁴⁷

Ladd compreende que “tal conduta somente é atingível de um modo completo no século futuro quando todo o mal for banido”.¹⁴⁸ Contudo, o Sermão do Monte deixa bem claro que Jesus esperou de seus seguidores a prática de seus ensinamentos no presente. Ladd ainda acredita que “a ética de Jesus incorpora o padrão de justiça que um Deus santo requer dos homens em qualquer era”.¹⁴⁹ Seu ensino é no mínimo desafiador para qualquer cristão, já que um dos propósitos da ética se constitui em guiar o comportamento humano.

Ética é “a área da investigação filosófica e teológica que busca identificar o que é bom e o que significa viver bem. A ética busca oferecer discernimento, princípios ou mesmo um sistema de orientação na busca pela vida boa ou pela forma correta de agir”.¹⁵⁰

Da mesma forma que não é possível separar os ensinamentos de Jesus da ética também não se pode correr o risco de reduzi-lo somente a um código ético, pois a ética ensinada por Jesus é a ética do reino de Deus. Diferentemente de outras propostas éticas, capazes de disciplinar, a ética de Jesus é transformadora. Ladd afirma: “A ética de Jesus, então é uma ética do Reino, a ética do reinado de Deus. É impossível destacar ou separar sua ética do contexto total da mensagem e da missão de Jesus.”¹⁵¹ Esta missão também é estendida aos seus discípulos. “Tudo aquilo, portanto que quereis que os homens vos façam, façais vós também” (Mt. 7.12).

O Reino dos Céus é endereçado aos pobres, eles são a fonte de inspiração do programa de Reino ensinado por Jesus, eles são a manifestação do domínio real de Deus sobre a sua Criação. Um domínio que já existindo desde a origem do mundo, agora conquistará os corações dos homens, não violenta e repentinamente, mas misteriosa e paulatinamente. Este Reino deverá redimir da discórdia, da solidão e da escravidão, para que na terra possam morar a confiança, a concórdia e a paz. Ladd acredita que, como participantes do Reino de Deus, os seres humanos poderão ser classificados ou desclassificados e isso depende de seu caráter. Jesus propõe a quebra de paradigmas num ensino humanizado e coeso. “A justiça do Reino

¹⁴⁷ LADD, 2003, p. 171.

¹⁴⁸ LADD, 2003, p. 172.

¹⁴⁹ LADD, 2003, p. 172.

¹⁵⁰ DICIONÁRIO de Teologia, 2002, p. 52.

¹⁵¹ LADD, 2003, p. 171.

[...] é uma justiça do coração [...]. Em sua plenitude ele aguarda a vinda do Reino escatológico; mas em sua essência pode ser levada a cabo aqui e agora, nesta era”¹⁵².

Jesus propôs desafios à perspectiva humana natural ao apontar novas possibilidades de prática do reino tais como o fato de ser interrogado pelos fariseus sobre quando chegaria o Reino de Deus, ao que lhes responde: “A vinda do Reino de Deus não é observável. Não se poderá dizer: ‘Ei-lo aqui! Ei-lo ali!’, pois eis que o Reino de Deus está no meio de vós” (Lc. 17.20). Para Ladd “a ética de Jesus é uma ideia moral expressa em termos absolutos, alicerçada em princípios religiosos fundamentais e eternos, pois o Reino de Deus é a vinda daquilo que é eterno para a esfera daquilo que é temporal.”¹⁵³ Esta ética se constitui “primeiro de arrependimento e de renovação moral.”¹⁵⁴

A primeira exigência de Jesus é por um caráter justo, e suas atitudes refletirão seu caráter. “Pelos seus frutos os conhecereis” (Mt. 7.16). “Uma árvore boa não pode dar frutos ruins, nem uma árvore má dar bons frutos” (Mt. 7.18). A conduta humana evidencia a verdadeira natureza do seu interior. Consequentemente amar e amparar os menos favorecidos da sociedade mostra a essência de um caráter interior, moldado pelo amor de Deus. “O amor de Deus deve expressar-se no amor ao próximo. [...] Esta lei do amor origina-se em Jesus, e é o resumo de todo o seu ensino ético.”¹⁵⁵ Jesus, ao ser interrogado pelos fariseus sobre o maior mandamento, responde com clareza: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, [...]. Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt. 22.37-38). “Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os profetas” (Mt. 22.40). Jesus declarou que a lei do amor resume todo o ensino ético do Antigo Testamento.

Por fim, Jesus resignifica a lei, fundamentando-a no amor. A ação deste amor acontece verticalmente, em direção a Deus e horizontalmente, em direção ao próximo, e isso leva a concluir que o amor que procura prestígio vantagens e posição pessoal é incompatível com o amor de Deus (Lc. 11.43) e, conseqüentemente, com o projeto Reino de Deus. O desenvolvimento da ética principia com o ajustamento de atitudes. Jesus convoca os cristãos à ética. Ele convida a olhar o mundo na perspectiva de Deus. O desenvolvimento da ética acontece quando se consegue melhorar o modo de ver das pessoas o que implicará diretamente em atitudes coerentes com a ética do Reino.

De acordo com a ética de Jesus nas bem-aventuranças, são felizes, bem-aventuradas as pessoas que conhecem suas necessidades espirituais e tem capacidade de sentir e condoer-

¹⁵² LADD, 2003, p. 174.

¹⁵³ LADD, 2003, p. 165.

¹⁵⁴ LADD, 2003, p. 165.

¹⁵⁵ LADD, 2003, p. 165.

se com os problemas do mundo ao seu redor. Exercem a não violência e veem a verdade e o amor como poderes a serem exercidos em benefício do próximo. Sentem fome e sede de justiça e estendem sua misericórdia para as pessoas, falam e vivem honestamente. Produzem a paz e podem ser perseguidas por buscarem a justiça.

3.3 Querigma: anúncio libertador

A declaração de Jesus sobre sua ressurreição é impactante: “Eu sou a ressurreição. Quem crê em mim ainda que morra viverá. E quem vive e crê em mim jamais morrerá” (Jo. 11.25-26). “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1.14). A era do cumprimento começou a se manifestar. “O que está acontecendo é o que foi dito por intermédio do profeta: *Sucedará nos últimos dias, diz Deus, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne*” (At. 2: 16-17). Deus está assim cumprindo o que fora dito por todos os profetas. “Também os outros profetas, desde Samuel e todos os que a seguir falaram, prenunciaram estes dias” (At. 3.24). Para Ladd, “a era messiânica aconteceu por meio do ministério, da morte e da ressurreição de Jesus, fatos sobre os quais há um breve resumo, com provas extraídas das Escrituras.”¹⁵⁶ Em Atos também se encontra registrado o plano de salvação. “Este homem, foi entregue segundo o desígnio determinado e a presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o pela mão dos ímpios. Mas Deus o ressuscitou” (At.2: 23-24).

Ladd também afirma que,

Por causa de sua ressurreição, Jesus foi exaltado à destra de Deus, como o cabeça messiânico do novo Israel. [...] O Espírito Santo na Igreja é o sinal de que o poder e a glória de Cristo estão presentes. “De sorte que, exaltado pela destra de Deus e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis” (At. 2:33). [...] A era messiânica atingirá rapidamente sua consumação no retorno de Cristo. “E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado, o qual convém que o céu contenha até os tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os profetas, desde o princípio” (At 3.20,21).¹⁵⁷

Ladd defende a ressurreição corpórea de Jesus. Ele acredita que a natureza escatológica da ressurreição de Jesus é ainda mais atestada pela natureza de seu corpo ressuscitado, “conforme registrado nos Evangelhos. A ressurreição de Jesus foi claramente

¹⁵⁶ LADD, 2003, p. 470.

¹⁵⁷ LADD, 2003, p. 470-471.

corpórea; contudo, era um corpo que possuía poderes novos do que seu corpo físico antes da sua morte.”¹⁵⁸ Ele ainda afirma que “os Evangelhos entram em grandes detalhes na afirmação de que a ressurreição de Jesus foi, realmente, uma ressurreição corpórea”.¹⁵⁹ Embora o fato do túmulo vazio ser altamente criticado, Ladd ainda argumenta que, “esta objeção desconsidera o fato importante de que os Evangelhos não fazem uso apologético do túmulo vazio para provar a realidade da ressurreição”.¹⁶⁰ Para este autor, é importante lembrar que o túmulo vazio por si mesmo já se constitui num fato intrigante e necessitava de explicação.

Marcos registra a reação de medo e espanto das mulheres quando se deparam com esta realidade. Lucas por sua vez escreve que dois discípulos sabiam do fato, mas não creram na ressurreição até o momento em que foram confrontados pelo Senhor Jesus (Lc. 24.22).

Os Evangelhos terminam com narrativas da ressurreição de Jesus e com breves declarações a respeito de sua ascensão. Marcos tem um final interrompido; Mateus registra uma comissão do Jesus ressurrecto aos seus discípulos, no sentido de proclamarem o Evangelho a todo o mundo.¹⁶¹

A proclamação do querigma se caracteriza por “proclamar, anunciar, mencionar publicamente, pregar, mais frequentemente em referência à ação salvífica de Deus”.¹⁶² “O mandamento de pregar o perdão dos pecados pela fé em Cristo; e a afirmação de que as profecias do Antigo Testamento apontam para todos esses fatos.”¹⁶³ O querigma tem seu foco na morte, e na exaltação de Jesus (At.2.23-24). A mensagem querigmática de Jesus, o Cristo, foi efetuada originalmente por Jesus, refere a um ato individual que pode ser realizado por todo e qualquer cristão, mesmo sem experiência ou treinamento prévio. Filipe foi a Samaria pregar as boas novas do Reino de Deus e do nome de Jesus (At 8.12).

Ladd ainda afirma que “o querigma sempre termina com um apelo ao arrependimento, com o oferecimento de perdão e do Espírito Santo, e com a promessa da salvação.”¹⁶⁴ Isso também pode ser observado no seguinte texto do livro de Atos: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para a remissão dos vossos pecados. Então recebereis o dom do Espírito Santo. Pois para vós é a promessa, assim como para vossos filhos e para todos aqueles que estão longe” (At 2. 38-39).

¹⁵⁸ LADD, 2003, p. 463.

¹⁵⁹ LADD, 2003, p. 463.

¹⁶⁰ LADD, 2003, p. 463.

¹⁶¹ LADD, 2003, p. 463.

¹⁶² GINGRICH; DANKER, 2007, p. 116.

¹⁶³ ELWELL; YARBROUGH, 2000, p. 70-71.

¹⁶⁴ LADD, 2003, p. 471.

Também para Brakemeier, “o evangelho quer mostrar a ação de Deus em toda a realidade. Pretende a conversão do indivíduo e a do mundo. O reino de Deus não se manifesta somente em nova autocompreensão. Produz nova convivência e por isto nova história.”¹⁶⁵ Esta nova história tem sua base no amor de Deus revelado na pessoa, vida e obra de Jesus, conforme esta oração de Paulo:

Por essa razão me ponho de joelhos diante do Pai – de quem toma o nome toda a família no céu e na terra – para pedir-lhe que conceda, segundo a riqueza da sua glória, que vós sejais fortalecidos em poder pelo seu espírito no homem interior, que Cristo habite pela fé em vossos corações e que sejais arraigados e fundados no amor. Assim tereis condições para compreender com todos os santos qual é a largura e o comprimento e a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo o conhecimento, para que sejais plenificados com a plenitude de Deus. Aquele, cujo poder, agindo em nós é capaz de fazer muito além, infinitamente além de tudo o que nós podemos pedir ou conceber, a ele seja a glória na Igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações [...] Amém. (Ef. 3. 14-21)

Por fim, se fosse possível condensar todo o evangelho numa só palavra, seria AMOR. Como ainda disse o apóstolo, “agora, vemos em espelho e de maneira confusa, mas depois veremos face a face. Agora meu conhecimento é limitado, mas depois conhecerei como sou conhecido. Agora, portanto permanecem fé esperança e caridade, estas três coisas. A maior delas é o amor.” (1Co 13.12-13).

3.4 Por que o ensino de Jesus era capaz de transformar?

O ensino de Jesus envolvia a todos sem qualquer divisão. Jesus mostrou de forma paradigmática essa convivência com pessoas especiais quando em sua companhia eram acolhidos todos. “Pessoas normais” mulheres, crianças, mestres e doutores, coxos surdos mudos, parálíticos, endemoninhados, todos tinham livre acesso a Jesus, a não ser quando outros tentavam impedir. Isso mostra que, quando não se consegue aceitar os outros, por serem especiais é porque se é deficiente.

¹⁶⁵ BRAKEMEIER, Gottfried. *A autoridade da Bíblia: Controvérsias – significados – fundamento*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2003. p. 51.

Noé observa que “na convivência com Jesus irrompeu na história um novo tempo, em que a inclusão é o princípio relacional.”¹⁶⁶ No cotidiano sempre haverá pessoas com as mais diversas necessidades, inclusive pessoas especiais. Elas compõem o povo de Deus. Noé lembra a importância de “romper a fronteira que me separa desse assunto e que me mantém distante das pessoas. Essa é a deficiência que tenho que aceitar e superar em mim mesmo. Também é necessário que ocorra um processo de conscientização comunitário em torno da deficiência.”¹⁶⁷ Jesus mostrou que as pessoas são muito mais do que suas limitações físicas. Por isso, relacionou-se sem estigmas, reestabelecendo o convívio social, a aceitação, a dignidade e a comunhão social. Todas e todos são alvos do seu amor. “Enquanto tudo o mais passa como a névoa da manhã, o amor permanece de eternidade à eternidade. Porque ele vem de Deus e leva a Deus. Aliás, o amor é o próprio Deus.”¹⁶⁸

Jesus também usava parábolas como forma de ensino e comparação do Reino de Deus. Desde a Antiguidade, a parábola se caracterizava como um método de expressar verdades, tendo sido usadas por profetas, filósofos, educadores, sábios e mestres. Exemplo de parábola em Jesus pode ser verificado nas seguintes palavras:

E dizia: “Acontece com o Reino de Deus o mesmo que com o homem que lançou uma semente na terra: ele dorme e acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como.” [...] “Com que compararemos o Reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos? É como um grão de mostarda que, quando é semeado na terra – é a menor de todas as sementes da terra – mas, quando é semeado, cresce e torna-se maior que todas as hortaliças, e deita grandes ramos, a tal ponto que as aves do céu se abrigam à sua sombra.” (Mc.4. 26-31)

Sales destaca que “o primeiro segredo das parábolas está na sua *simplicidade*”¹⁶⁹. As parábolas transmitem grandes verdades de forma simples. Para este autor, o outro segredo está em sua *profundidade*. “Jesus em seu ministério nos ensinou sobre Deus e seu reino através de coisas do dia-a-dia. Uma pedra, uma árvore, um grão de mostarda, uma plantação de algodão, sal, sepulcros, tudo servia de ilustrações para revelar Deus ao homem”¹⁷⁰.

As comparações intensificam e aprofundam o ensinamento sem cansar o ouvinte. Sales também enfatiza a *aplicabilidade*. “Uma pessoa que ouve uma parábola dificilmente deixará de fazer algum tipo de introspecção. [...] aqueles que a ouvem entram e se

¹⁶⁶ NOÉ, Sidnei Vilmar. *Amar é cuidar: Dez boas razões para integrar as pessoas com deficiência, valorizar a terceira idade, cultivar a saúde integral, viver uma sexualidade sadia, buscar o perdão*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 15.

¹⁶⁷ NOÉ, 2005, p. 15.

¹⁶⁸ NOÉ, 2005, p. 15.

¹⁶⁹ SALES, Eduardo. *Parábolas: Tesouro em vasos de barro*. Maringá, 2012. p. 9.

¹⁷⁰ SALES, 2012, p. 9.

identificam.”¹⁷¹ Para Sales, o envolvimento da parábola faz com que as pessoas se abram e se coloquem disponíveis para o assunto, deixando de lado os mecanismos de defesa de sua própria personalidade. Outro segredo considerado é a *flexibilidade*. “Como o barro, recebem a forma que o oleiro deseja, as parábolas podem e devem ser adaptadas.”¹⁷² Na prática do ensino, palestra, ministração. O expositor precisa ser sensível ao seu público respeitando natureza, gênero e saberes do público. Para isso os ensinadores podem mudar personagens, resultados, cenário, facilitando a identificação dos ouvintes.

Sales também argumenta sobre a *atualidade* das parábolas. “As parábolas de Jesus ainda promovem identificação, a introspecção e a transformação, não perdem sua atualidade, pois seu objeto é a vida cotidiana.”¹⁷³ Por isso o ensino numa perspectiva transformadora precisa levar em conta os benefícios da parábola. Outro ponto relevante e considerado como segredo foi à *fixação*. “A parábola age como uma marca gráfica de autorrelevo em nossa memória”.¹⁷⁴ Quando se ouve uma boa parábola, mesmo após algum tempo é possível lembrar seu conteúdo e implicações. Por fim outro segredo considerado por Sales referente às parábolas está em seu *poder*. “As parábolas, com sua simplicidade e ingenuidade, tem o poder de prender a atenção das pessoas. [...] Transmitem a mensagem com profundidade, flexibilidade e atualidade.”¹⁷⁵

Contudo a força propulsora do ensino transformador de Jesus está em seu posicionamento. Era fácil de encontrá-lo, tão somente ver os necessitados em todas as suas caricaturas, e lá estava o mestre. Embora Jesus incluísse todas e todos, tanto sua atitude, quanto sua mensagem contemplava primeiramente este grupo, como evidencia a Revista RIBLA, “Ahora, si bien el anuncio de Llegada Del Reino fue proclamado por Jesus como buenas noticias para los menos favorecidos”¹⁷⁶, argumenta sobre a Oração do Pai Nosso e destaca que “se pide que ‘vengael reino’, y no que ‘vayamos al reino’”.¹⁷⁷ Enfatizando que como seres humanos temos uma meta, continuar o que Jesus começou ou seja, transmitir a esperança e a solidariedade e tornar o mundo melhor. “Finalmente, nuestra relectura deberá ser profética hacia La propia iglesia, siendo consciencia crítica de todo lo extraño e La verdad

¹⁷¹ SALES, 2012, p. 9.

¹⁷² SALES, 2012, p. 9

¹⁷³ SALES, 2012, p. 10.

¹⁷⁴ SALES, 2012, p. 10.

¹⁷⁵ SALES, 2012, p. 10.

¹⁷⁶ Embora o anúncio da vinda do reino é proclamado por Jesus como uma boa notícia para os menos privilegiados. FERNÁNDEZ, Pedro J. Triana. *Buscando el reinado de Dio se nun contexto de resistencia y sobrevivencia: Algunas consideraciones hermenéuticas*. 50 ed. RIBLA – Revista de Interpretación Biblia Latinoamericana. Diponível em < <http://www.ribla.org>>. Acesso em 02 jan. 2012

¹⁷⁷ Se pede que venha o reino e não que vamos ao reino. FERNÁNDEZ, RIBLA – Revista de Interpretación Biblia Latinoamericana. Diponível em < <http://www.ribla.org>>. Acesso em 02 jan. 2012.

Del evangelio, para evitar que se aparte de su identidad y compromiso evangélico com El reino de Dios y su justiça.”¹⁷⁸

3.4.1 Com vistas para o ensino transformador

A comunicação é fundamental no processo de transformação. “O conceito bíblico para transformação é a *metanóia*: a conversão. Nas comunidades que surgem da reforma, a palavra de Deus é o centro do encontro das *boas-novas*, do próprio evangelho.”¹⁷⁹ Como já dissera Lutero, “comunicar o amor, o perdão, proclamar e encarar a graça de Deus na comunidade cristã é o coração do evangelho.”¹⁸⁰ Para Mafra “a comunicação cristã é aquela que nos ensina a dizer as coisas como o Mestre diz e a fazer como o Mestre faz, do contrário não é comunicação cristã.”¹⁸¹ Mafra acredita que a forma de comunicar é de grande relevância; “pensar comunicação é pensar na própria existência, no próprio futuro.”¹⁸²

Judite V. Osdol escreveu o seguinte sobre palavras transformadoras: “Uma palavra de graça, dá vida dá alento, inspira, promove, cura, transforma, eleva e restaura.”¹⁸³ Ela chama atenção sobre quantas vezes, no cotidiano, uma pessoa pode ser impactada com palavras destruidoras: “Palavras que ferem, ofendem, cortam, diminuindo e reduzindo a energia e o gozo do momento. Conheçamos o conceito da violência verbal – o que destrói, menospreza, humilha e reduz a vida à mera sobrevivência.”¹⁸⁴ Osdol constata que:

Historicamente, a palavra de Deus tem sido manipulada para justificar o abuso de poder. Foi usada (e se usa até hoje) para justificar a escravidão, o racismo, sexismo, assim como a guerra e a violência armada. “Deus está conosco” tornou-se com frequência um grito de guerra, convocando as pessoas para tirar vidas em vez plenificá-las.¹⁸⁵

¹⁷⁸ Finalmente nossa releitura deverá ser profética para a própria igreja, sendo a consciência crítica de todo o estranho a verdade do evangelho, para evitar que se aparte de sua identidade o compromisso evangélico com o reino de Deus e a sua justiça. FERNÁNDEZ, RIBLA – Revista de Interpretación Biblia Latinoamericana. Disponível em < <http://www.ribla.org> >. Acesso em 02 jan. 2012.

¹⁷⁹ OSDOL, J. V. *As mulheres e a graça*: Releituras bíblicas de mulheres latino americanas. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008. p.30.

¹⁸⁰ OSDOL, 2008, p. 30.

¹⁸¹ MAFRA, Olívio M. *A comunicação cristã*. Joinville: Refidim, 2011. p. 102.

¹⁸² MAFRA, 2011, p. 103.

¹⁸³ OSDOL, 2008, p. 30.

¹⁸⁴ OSDOL, 2008, p. 30.

¹⁸⁵ OSDOL, 2008, p. 31.

Portanto, o cuidado, ao dirigir palavras deve ser observado da parte de quem ensina. Cabe observar o conteúdo da palavra e sua capacidade de produzir alento, esperança, restauração e renovação. Isto é promover a dignidade humana, cuja criação é a imagem do próprio Deus (Gn.1. 26-27). Para Osdol, “se usamos a palavra de Deus para menosprezar, silenciar ou oprimir setores da humanidade, então não é evangelho.”¹⁸⁶ A autora ainda faz a seguinte argumentação: “Reconheçamos que cada desequilíbrio de poder e privilégio promove e mantém a violência estrutural – seja de classe, raça, etnia, gênero, entre outros eixos.”¹⁸⁷

A sensação de poderio tem levado pessoas a discriminarem, oprimirem e matarem aqueles a quem se deve o amor e o cuidado. Paulo Freire escreve a bestialidade que recai sobre o índio Galdino Jesus dos Santos, e dialoga sobre a animalidade humana em seu extremo. Capaz de matar por prazer, enquanto vê o outro agonizar em chamas por eles provocadas como forma de diversão e promoção de alegria pessoal.

Que coisa estranha, brincar de matar índio, de matar gente. Fico a pensar aqui, mergulhado no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável desses moços desgenticando-se, no ambiente em que decresceram em lugar de crescer.¹⁸⁸

O educador vê com grande estranheza o fato de alguns serem capazes de “brincar de matar” pessoas e remete isso à educação infantil. *Freire coloca este fato em interface com a educação e alerta, ela pode ser de exclusão e sem transformação.* Para Freire a expressão das brincadeiras de infância, remete para a prática educativa e a postura ética desta criança quando vir ser um adulto. Freire faz uma análise do suposto ambiente em que esses adolescentes viveram e acrescenta que, a negligência e omissão dos pais, podem conduzir os filhos a uma vida de licenciosidade e irreverência.

É possível que, na infância, esses malvados adolescentes tenham brincado, felizes e risonhos, de estrangular pintinhos, de atear fogo no rabo de gatos pachorrentos só para vê-los aos pulos e ouvir seus miados desesperados, e se tenham também divertido esmigalhando botões de rosa nos jardins públicos com a mesma desenvoltura com que, com que rasgavam, com afiados canivetes, os tampos das mesas de sua escola. E isso tudo com a possível complacência quando não com o estímulo irresponsável de seus pais.¹⁸⁹

¹⁸⁶ OSDOL, 2008, p. 31.

¹⁸⁷ OSDOL, 2008, p. 31.

¹⁸⁸ Freire morreu logo depois que escreveu isso. Sua escrita aconteceu em 21/04/1997 e sua morte aconteceu em 21/05/1997. FREIRE, 2010, p. 65.

¹⁸⁹ FREIRE, 2010, p. 66.

Freire destaca a educação como ferramenta de transformação. “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”¹⁹⁰ Jesus ensinou para a transformação da sociedade. É fácil ver o quanto humano Jesus foi. Ele é de fato o Divino mais humano que já existiu. É preciso perguntar o quanto humano nós estamos sendo. Para Bonilla, Jesus Cristo trouxe o Evangelho da renovação. E de nada adianta assumirmos transformações radicais, se elas não correspondem a estes valores e a estas atitudes.

Não importa quão radicais sejam as transformações que fazemos em nossos esquemas organizacionais ou em nossas instituições. Se não correspondem à expressão desses valores, dessas atitudes e dessas prioridades, assumiremos a posição daqueles que condenavam Jesus, por que para ele a pessoa e suas necessidades fundamentais eram mais importantes do que os preconceitos teológicos, os códigos de purificação, as ações piedosas e a própria lei e continuam sendo mais importantes do que nossas organizações, nossos comitês, nossa legislação eclesiástica, nossos ritos e nossos modernos códigos de purificação.¹⁹¹

Bonilla adverte que, tudo isso já foi feito para nós, e não o inverso, ou seja, nós para tudo isto. Não perder de vista o que é verdadeiramente importante, ou seja, que o valor da pessoa humana está acima de legalismos. Aliás, pelo viés legalista, muitas vezes, religiosos transformam-se num obstáculo para a prática do amor. Isso acontece porque distorcem a ideia do que devem ser as relações pessoais. “Diante da verdadeira necessidade humana, o sagrado é a pessoa que sofre e Deus o santo absoluto quer o bem desta pessoa.”¹⁹² Não fazer o bem quando está ao nosso alcance, porque alegamos razões religiosas ou porque nos submetemos a nosso código de pureza, é fazer o mal, segundo Jesus.

Deus fez o universo daquilo que era um caos. Mas não se pode confundir a ordem de Deus com a nossa ordem. Se estas regras que estabelecemos, em vez de servir como orientação e apoio para a comunidade, transformam-se em peso, em escravidão, em um fim para justificar-nos perante Deus e os demais seres humanos, então elas representam o velho que tem que ser descartado.¹⁹³

A didaqué¹⁹⁴ de Jesus mostrou na prática que ensinar é transformar. Freire concorda que o ensino de Jesus é transformador. Em *Conhecer, praticar e ensinar os Evangelhos*

¹⁹⁰ FREIRE, 2010, p. p. 67.

¹⁹¹ BONILLA, 2002, p. 56.

¹⁹² BONILLA, 2002, p. 62.

¹⁹³ BONILLA, 2002, p. 62.

¹⁹⁴ Didaqué é um convite para as comunidades cristãs em formação descobrirem sua origem e jovialidade próprias. Ela nos faz lembrar que a fonte inspiradora do comportamento, da oração e das celebrações é a Bíblia. Sobretudo mostra que o cristianismo não é individualista, mas um caminho comunitário em que todos os setores da vida e do comportamento devem ser penetrados pela Palavra de Deus e pela oração. Na sua simplicidade e profundidade, estimula a viver a vida cotidiana à luz do Evangelho vivo, dentro de um discernimento que frutifica em atos novos, geradores de fraternidade e partilha [...] Ela ainda salienta que o cristianismo não é uma

aborda seu fascínio para com a indivisibilidade entre o conteúdo e o método com que Jesus comunicava e destaca:

O ensino do Cristo não era nem poderia ser o de quem, como muitos de nós, julgando-se possuidor de uma verdade, buscava impô-la ou simplesmente transferi-la. Verdade Ele mesmo, Verbo que se fez carne, História viva, sua pedagogia era a do testemunho de uma presença que contradizia, que denunciava e anunciava. Verbo encarnado. Verdade Ele mesmo, a palavra que d'Ele emanava não poderia ser uma palavra que, dita, dela se dissesse que foi, mas uma palavra que sempre estaria sendo. Esta palavra jamais poderia ser aprendida se não fosse apreendida e não seria apreendida se não fosse igualmente por nós 'encarnada'. [...] Sua palavra não é som que voa: é PALAVRAÇÃO".¹⁹⁵.

Freire entende que Jesus se envolvia na palavra e a encarnava tornando-a palavra+ação, portanto, PALAVRAÇÃO. De fato as ações de Jesus tornavam vivo seu ensino. Era isso que causava impacto nas pessoas. Os que recebiam sua mensagem de forma esperançosa, como que removendo as limitações de suas mentes passavam e passam a acreditar num mundo possível, onde é possível haver lugar para todas e todos, de forma incluyente.

3.4.2 Algumas precauções para ensinar numa perspectiva transformadora

O nosso ensino, seja ele acadêmico ou eclesiástico poderá aproximar-se da forma como Jesus ensinou, através da observação meticulosa de agir como ele agiu diante da ganância e da corrupção política, eclesiástica e social. A compreensão disso é salutar e ponto fundamental para quem deseja ensinar para transformar. “O cristianismo é essencialmente, em primeiro lugar e antes de tudo, a Boa Nova.”¹⁹⁶ Jesus se posicionou a favor do fraco e do oprimido, onde quer que estivessem e combateu vorazmente todo e qualquer jogo de poder.

Chamando-os Jesus lhes disse: “Sabeis que aqueles que vemos governar as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não será assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor. E aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos. Pois o filho do homem não veio

redoma onde a comunidade se refugia, mas um fermento que se expande para transformar toda a sociedade. BALANCIN, Euclides Martins. *Didaqué: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 5.

¹⁹⁵ FREIRE, Paulo. *Conhecer, praticar, ensinar os Evangelhos: in Tempo e Presença*. Rio de Janeiro: CEDI, 1979. p.7.

¹⁹⁶ A MENSAGEM das bem-aventuranças, 1982, p. 26-27.

para ser servido. Mas sim para servir e dar a sua vida em resgate de muitos” (Mt. 10. 41-46)

Freire lembra que, “mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que simplesmente repetir.”¹⁹⁷ Segundo Freire, “aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem a abertura ao risco e à aventura do espírito.”¹⁹⁸ Gadotti escreveu sobre o encanto do aprender e ensinar visando a um sentido interior. “O ser humano é o único ser que se pergunta sobre o sentido de sua vida.”¹⁹⁹ O ensino de Jesus é capaz de produzir fé, esperança, transformação e vida plena. Para Moltmann, Deus é fonte transmissora de esperança.

Para a esperança cristã, fome, impulso, tendência e prontidão em direção ao futuro fundamentam-se no oculto do ressuscitado [...] Aquele relativo é percebido como promessa de Deus e apreendido com a confiança e a certeza baseadas na fidelidade de Deus “que ressuscita os mortos e chama aquilo que não é para que seja” (Rm 4.17). Ele é o “Deus da esperança” (Rm 15 6).²⁰⁰

O ensino das bem-aventuranças é capaz de produzir esperança porque que visa à justiça e à honestidade. Captar sua mensagem faz palpitar o coração, faz brotar a felicidade de ser eterno, de não ser obra do acaso. Isso dá para humanidade sensação de pertencimento. Gadotti também escreve sobre a beleza de sonhar. Somente quem tem esperança é capaz de sonhar. “A beleza existe em todo o lugar, depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade, depende da nossa consciência, do nosso trabalho, do nosso cuidado. A beleza existe por que o ser humano é capaz de sonhar.”²⁰¹

Sonhar, esta parece ser palavra chave: a utopia é o que move, é o primeiro passo para grandes projetos que, antes de existirem no mundo real, necessariamente fazem parte do mundo dos sonhos. *Parece possível, ensinar para transformar como Jesus o fez.* Somos levados a sistematizar, confinar, dicotomizar, colocar paredes blindadas estabelecendo parâmetros e ditando regras desumanizadas. Jesus, em contrapartida, não se sujeitou a

¹⁹⁷ FREIRE, 2010, p. 69.

¹⁹⁸ FREIRE, 2010, p. 60.

¹⁹⁹ GADOTTI, Moacir. *A Boniteza de um sonho: Ensinar e aprender com sentido.* Novo Hamburgo: Freevale, 2003. p. 60.

²⁰⁰ MOLTSMANN, Jurgen. *Teologia da esperança: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã.* São Paulo: Herder, 1971. p. 418.

²⁰¹ GADOTTI, 2003, p. 60.

sistemas teológicos e eclesiásticos mundanizados. Seu compromisso é com a Verdade do Reino sem paredes de Deus.

Bonilla comenta seu fascínio por filmes de ficção científica em especial, o filme “Viagem nas estrelas”, e destaca que neste seriado existe um robô humanoide que expressa uma busca com base no crescimento e transformação. Bonilla comenta um dos episódios que atraiu sua atenção. “Há algumas semanas, vi em um dos episódios a cena em que ele diz que seu propósito e meta é seguir em frente ‘mudando, aprendendo, crescendo, sendo cada dia melhor’”.²⁰² E se perguntou: Isto não é estar se renovando?

Sua inquietação é relevante para esta pesquisa porque leva a refletir. “Vamos deixar essa meta aos personagens da ficção científica ou devemos assumi-la como cristãos.”²⁰³ Como ensinadores. Afinal, mudar, renovar, crescer, melhorar, não é tarefa fácil, é preciso recorrer ao diferente, ao desconhecido. No entanto, uma coisa é certa, contamos com a ajuda do Espírito Santo. “Quando vier o Espírito da Verdade, Ele vos guiará na verdade plena.” (Jo. 16.13)

É gritante a necessidade do ensino escolar e cristão acontecer numa perspectiva transformadora. “Vós sois o sal da terra” (Mt.5.13). O sal gera sede. E “Vós sois a luz do mundo” (Mt. 5.14). A luz ilumina as mais densas trevas e não se contamina. Isso leva a crer que não basta se sentir adepto de uma religião ou grupo, é preciso descobrir o caminho aberto por Jesus e ser seguidor. É preciso ser discípulo. É privilégio ensinar. Porém, é fundamental agir de acordo com o que se ensina, do contrário, tais atitudes acabam por tirar o valor de nossas afirmações. O ensino de Jesus é ancorado em sua ética. Diferentemente de se limitar a transferir conhecimentos, a ênfase de Jesus está na vida. Ele fala e pratica, depois nos diz: “Vocês me chamam Mestre e Senhor e Eu o Sou”. Referindo-se ao ensino de Cristo, Bonilla escreve que

Sua palavra e sua ação se centralizam na realidade do reino que com ele invade a história humana. E sem rodeios nem meias palavras, estabelece as exigências desse reino a quem quiser ouvir: arrependimento, fé, acompanhamento, consideração a cruz [...] fidelidade são palavras que saem de seus lábios junto a outras como perdão, salvação, vida eterna, alegria, paz, bem-aventurança.²⁰⁴

Este tipo de ensino, ainda que repleto de esperança tornou-se inquietante e subversivo, além de incomodar a muitos. “Na realidade, chamava à subversão da ordem das prioridades humanas em vigor. Salientava que a ordem de Deus não era a mesma imposta pelos seres humanos e que Deus exigia um tipo de conduta que não estava de acordo com a

²⁰² BONILLA, 2002, p. 71.

²⁰³ BONILLA, 2002, p. 71.

²⁰⁴ BONILLA, 2002, p. 44.

que levavam e pregavam.”²⁰⁵ A capacidade que o ser humano tem de ser reflexivo faz com que o monólogo e o diálogo sejam possíveis. Bonilla ainda acredita que, toda a palavra pronunciada deve ser intencional.

Para Morin, “a reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino.”²⁰⁶ Sendo assim, não bastam métodos para se chegar a um ensino capaz de transformar. Também não é o bastante ensinar por ocupação, emprego ou carreira, mas deve ser vocação. Kivitz destaca a diferença entre esses paradigmas.

Ocupação é prestar todo e qualquer serviço digno, ainda que incompatível com sua preferência, formação ou talento [...]. Emprego é o ambiente em que alugamos nossas competências, conhecimento, experiências e talentos. [...] Carreira é o desenvolvimento de uma atividade compatível com nosso talento, num contexto cujos objetivos estão alinhados com os nossos próprios objetivos. [...] ocupação é a atividade independente do talento. Emprego é a atividade que envolve o talento, mas que é feito em troca de remuneração. Carreira é o talento exercido independentemente de remuneração. Mas e a vocação? Vocação é o que você é, independente do que faz.²⁰⁷

Este ponto é passivo para professores de escolas ou de igrejas, visto que tem sua ênfase no ensino que deve se valer para um fim transformador. Para Kivitz, vocação é “um talento exercido todo o tempo, em todo o lugar, a serviço de todo o mundo. Por isso é que a vocação é uma extensão do que você é, e não apenas o que você faz.”²⁰⁸ Faz-se necessário reinventar o ensino. Pode existir algo mais desafiador? No entanto, com a força da vocação é possível, já que ela diz respeito ao que somos e não ao que fazemos. Para Kivitz, “o propósito de construir é derivado da *imago Dei*, e isso quer dizer que podemos contribuir para um mundo melhor porque existe um pouco de Deus em cada um de nós.”²⁰⁹ Por este motivo, ao alinhar ocupação, emprego e carreira, a vocação precisa ser a fonte da qual devem beber os ensinadores a fim de que a dinâmica do Reino de Deus se expresse através de nós. Neste sentido, o texto bíblico de Romanos desafia a que não devemos nos conformar com este mundo, mas deixar transformar-nos pela renovação do entendimento e então experimentar a agradável vontade de Deus em nossa vida.

Por fim Jesus, depois de ensinar a teoria e a prática, deixou o critério que servirá de distintivo para a continuidade do ensino transformador. Fazê-lo germinar como uma semente que é plantada ao chão, é a missão dos seus beneficiários, que devem fazê-lo compreendendo,

²⁰⁵ BONILLA, 2002, p. 44.

²⁰⁶ MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 20.

²⁰⁷ KIVITZ, Ed René. *Vivendo com propósitos*. São Paulo: Mundo cristão, 2003. p. 232-233.

²⁰⁸ KIVITZ, 2003, p.233.

²⁰⁹ KIVITZ, 2003, p. 232-233.

entre outros que: a) O Reino de Deus possui em si mesmo um princípio de desenvolvimento, uma força secreta, que o levará a sua plena realização, o que se pode fazer é contribuir nele; b) O ensino capaz de produzir transformação no ouvinte só pode e será possível se vir de alguém que é transformado. Jesus convida a converter e transformar primeiro a igreja e suas lideranças. Isso produzirá por essência a longevidade e maior compreensão da vida integral do ser humano, consolidando o caminho deixado por Jesus de viver e praticar a palavra de Deus; c) Ensinar entendendo que, para Jesus, as necessidades básicas do ser humano são mais importantes do que os preceitos da lei, ou pressupostos teológicos. O aprendizado deve conduzir o ouvinte a pensar e ressignificar conceitos já estabelecidos. Deve quebrar padrões estáticos e provocar a esperança e a alegria; d) Ensinar numa perspectiva transformadora só pode acontecer no mover do Espírito Santo. Esta será a diferença fundamental. “Quando vier o Espírito da verdade, ele vos guiará na verdade plena” (Jo. 16.13). e) Ensinar para o amor e não para a revolta: “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo.15 12-13). Deus nos ama e não quer que tenhamos medo dEle. (1Jo. 4 17-19). Sendo assim, mais importante daquilo que se faz é o quanto de amor se é capaz de colocar naquilo que se faz; f) Ensinar considerando o que Cristo fez. “Houve um justo que morreu, que morreu por amor, e morreu por amor a pecadores.”²¹⁰ E isso não somente pelos nossos pecados, mas também pelos de todo o mundo (1 Jo 2.2). Portanto, a cruz de Cristo é o único meio de santificação eficaz. “A união de vida e de fé em Jesus é a única que retira toda a condenação”.²¹¹ g) O ensino que estamos deixando faz com que os outros conheçam mais, ou que conheçam menos, de Deus, pois este é todo o exemplo que podemos deixar. Consequentemente deve-se ensinar para uma vida plena. “Eu sou a ressurreição” (Jo. 11-25) e para a paz e a libertação e não o contrário. “Deixo-vos a paz” (Jo. 14.27).

²¹⁰ KEPLER, Karl. *Neuroses eclesíásticas e o evangelho para crentes: uma análise preliminar*. São Paulo: Arte Editorial, 2009. p. 54.

²¹¹ KEPLER, 2009, p. 54.

CONCLUSÃO

As bem-aventuranças demonstram em síntese o que é o evangelho. Revelam o Reino de Deus e mostram o verdadeiro rosto de Jesus em profundidade. Na verdade não parece haver novidade na teoria do assunto e sim na prática. Jesus dá crédito à essência do SER e não obstante se viver, como todos, numa cultura onde o TER assume o papel principal. Lamentavelmente, apesar de belos discursos e lindas prédicas proferidas em majestosas catedrais, o ensino focado no ter é contraditório às bem-aventuranças. Jesus ensina que é exatamente o oposto. É preciso perguntar honestamente, qual é a forma de falar do amor e da misericórdia de Deus diante do sofrimento de tantas pessoas que não tem o principal, água, alimento, assistência à saúde, o que os deixa incapazes de dar um futuro digno aos seus filhos, onde os direitos humanos são ignorados pelos poderosos.

A questão é, como as intuições tem contribuído, ou não, para esta prática, fazendo vistas grossas aos pobres e famintos enquanto Jesus requer amá-los (Jo. 15.9) Quando se usa a palavra de Deus em benefício próprio e para legitimar interesses pessoais, por si só evidencia a distância que se está da prática da palavra, e principalmente do seu cerne, as bem-aventuranças, que contrariam as diversas formas de injustiça social.

Viver as bem-aventuranças é ser semente de uma nova sociedade, ser luzeiro de um mundo diferente. É buscar viver no Cristo ressuscitado e olhar o mundo a partir da sua lógica que pede o máximo de acolhimento possível, lançando fora a exclusão e a discriminação com todas as suas facetas, quer sejam políticas, religiosas, de gênero ou outra. Jesus combate a desigualdade e a injustiça social e religiosa de sua época. Mulheres e crianças não eram reconhecidas (Mt 14.21; 15.38), mas desprezadas (Mt 18.10), silenciadas (Mt 21.15-16), inclusive pelos próprios apóstolos, que as impediam de se aproximarem de Jesus. (Mt 19.13; Mc 13.14). Em nome da “Lei de Deus”, claramente mal interpretada, ao contrário de acolher, era usada para legitimar a exclusão. Alguma semelhança com os dias atuais?

Pode-se perguntar hoje, que lugar a sociedade, a escola e a igreja disponibilizam a estas e estes que eram desprezados pelas instituições e foram calorosamente acolhidos pelo próprio Jesus? Que lugar afinal a igreja, a escola e a sociedade, como também cada um de nós dá elas e a eles? Que esperança se está sendo capaz de transmitir?

Jesus insiste no acolhimento aos pequenos por várias vezes: “Quem acolhe a um destes pequenos em meu nome é a mim que acolhe.” (Mc 9. 37). “Quem dá um copo d’água a um destes pequenos não perderá a sua recompensa.” (Mt 10. 42). Jesus é enfático: “Não

desprezem os pequenos.” (Mt 18.10). No julgamento final, os justos serão recebidos porque alimentaram os “mais pequeninos” (Mt 25.40). Ele veio para os desfavorecidos e para isso conta com nossa atuação. O reino de Deus é inclusivo e não exclusivo, cabe retornar a origem.

Jesus denuncia o pecado de colocar a lei acima do homem. Denuncia a mentalidade falsa que se utiliza da lei para se defender e se proteger contra Deus, cumprindo-a com o fim de ser recompensada. Pois se preocupam somente com autoimagem e segurança. Jesus vem mostrar que a paz não é resultado da observância de leis, mas sim do relacionamento de amor, de confiança e de amizade.

Na verdade, sobretudo quem deseja aprofundar-se nas bem-aventuranças vai perceber o quanto mexe com a gente. Como já dissera Mesters, “percebe-se aos poucos que, dentro de cada um de nós vive um fariseu disfarçado que oprime, e dorme um povo pobre que se deixa oprimir. Ambos devem ser expulsos de dentro de nós. Tanto o fariseu opressor como o povo oprimido, ambos precisam da felicidade que Deus aí oferece e promete.”²¹²

Como participantes do Reino de Deus é preciso enfatizar a justiça e a solidariedade. É urgente agir para que essa situação indigna mude, melhore. É também preciso evidenciar que valores como justiça, solidariedade e dignidade nascem do cristianismo e assim foram introduzidos na sociedade. As bem-aventuranças desejam mostrar que o Reino de Deus é possível em Jesus. Elas clareiam fazendo enxergar o sentido da vida. Elas apontam para o alvo onde Deus quer que a gente chegue, quando se crê em Jesus Cristo e no seu Evangelho.

²¹² MESTERS, 1973, p. 27.

REFERÊNCIAS

- A BIBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- A MENSAGEM das bem-aventuranças. São Paulo: Paulinas, 1982.
- BALANCIN, Euclides Martins. *Didaqué: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. São Paulo: Paulus, 2010.
- BALDUCCI, E. Martins. *Linguagem Profética das bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- BONILLA, Acosta Plutarco. *Jesus: esse exagerado!* São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- BORNKAMM, Gunther. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Teológica, 2005.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *A autoridade da Bíblia: Controvérsias – significados – fundamento*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2003.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002.
- CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- CHEVROT, Georges. *O Sermão da Montanha*. São Paulo: Quadrante, 1988.
- DAVIDSON. *O novo comentário da Bíblia*: São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 1277.
- DICIONÁRIO de Teologia. São Paulo: Vida, 2002.
- DICIONÁRIO Global da Língua Portuguesa. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 1999.
- DICIONÁRIO Paulo Freire. Belo Horizonte: Autentica, 2010.
- DUMAIS, Marcel. *O Sermão da Montanha: Mateus 5-7*. São Paulo: Paulus, 1998.
- DUPONT, Jacques. *O Sermão da Montanha: Introdução, interpretação e estrutura*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.
- ELWELL, Walter A; YARBROUGH, Robert W. *Descobrendo o Novo Testamento: uma perspectiva histórica e teológica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.
- FERNÁNDEZ, Pedro J. Triana. *Buscando el reinado de Dios e nun contexto de resistencia y sobrevivencia: Algunas consideraciones hermenêuticas*. 50 ed. RIBLA – Revista de Interpretación Biblia Latinoamericana.
- FREIRE, Paulo. *Conhecer, praticar, ensinar os Evangelhos: in Tempo e Presença*. Rio de Janeiro: CEDI, 1979.

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- GADOTTI, Moacir. *A Boniteza de um sonho: Ensinar e aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Freevale, 2003.
- GINGRICH, F. W.; DANKER, F.W. *Léxico do Novo Testamento: Grego-Português*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- GRAHAM, Billy. *Os Quatro Evangelhos e o Livro de Atos: em Linguagem Atualizada*. São Paulo: Mundo Cristão.
- GRENZ, J. Stanley. *Dicionário de teologia*. São Paulo: Vida, 2002.
- HENDERSON, Hazel. *Construindo um mundo onde todos ganhem*.
- JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulus/Teológica, 2004.
- JONES, D. Martyn Lloyd. *Estudos no Sermão do Monte*. 9. ed. São Paulo: Fiel, 1981.
- KEPLER, Karl. *Neuroses eclesíásticas e o evangelho para crentes: uma análise preliminar*. São Paulo: Arte Editorial, 2009.
- KIRST, Nelson et al. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. São Leopoldo: Sinodal; Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- KIVITZ, Ed René. *Vivendo com propósitos*. São Paulo: Mundo cristão, 2003.
- KONINGS, J. *O Evangelho de João: Amor e Fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.
- KORTEN, David. *The post-corporate world*. San Francisco: Berrett/Koehler, 1999.
- LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.
- MAFRA, Olívio M. *A comunicação cristã*. Joinville: Refidim, 2011.
- MESTERS, Carlos. *O Sermão da Montanha*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- MOLTMANN, Jurgen. *Teologia da esperança: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Herder, 1971.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- MUELLER, Ênio R. *Caminhos de reconciliação: a mensagem da Bíblia*. Joinville: Grafar, 2010.
- NOÉ, Sidnei Vilmar. *Amar é cuidar: Dez boas razões para integrar as pessoas com deficiência, valorizar a terceira idade, cultivar a saúde integral, viver uma sexualidade sadia, buscar o perdão*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- OLIVEIRA, Ivone Brandão de. *Caminhar para o Reino com as bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 2005.

- OSDOL, J. V. *As mulheres e a graça: Releituras bíblicas de mulheres latino americanas*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008.
- PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2009. v. 3.
- QUEIROZ, Carlos. *Ser o bastante: Felicidade à Luz do Sermão do Monte*. 2. ed. Curitiba: Encontro; Viçosa: Ultimato, 2006.
- SALES, Eduardo. *Parábolas: Tesouro em vasos de barro*. Maringá, 2012.
- SANCHES, Manuel L. *As Bem-Aventuranças: Breve comentário*. São Paulo: Loyola, 1991. p. 58.
- STELLA, Jorge Bertolaso. *A religião de Cristo*. São Paulo: 1978.
- STERN, H. David. *Comentário Judaico do Novo Testamento*. São Paulo: Atos/Paulista, 2008.
- SUNG, Jung Mo. Porto Alegre. Simpósio das faculdades EST dia 29 de janeiro de 2011.
- WIKENHAUSER, Alfred. *El Evangelio Según San Joan*, Barcelona: Editorial Herder, 1978.
- WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 14.
- ZEILINGER, Franz. *Entre o céu e a terra: o comentário do sermão da montanha (Mt 5-7)*. São Paulo: Paulinas, 2008.